



*Preparados para o
Vitória*

Contos de Heloisa Pires



Orelha

A Editora Camille Flammarion apresenta a obra da Professora Heloisa Pires, com seus vinte e cinco contos, onde o passado e o presente se descerram permitindo compreender que a Lei do Amor rege todo o Universo e que contrariá-la gera desequilíbrio e posturas desarmonicas.

Filhos da Luz, deuses e luzes! precisamos desenvolver nossas possibilidades luminosas e o fazemos através de diferentes caminhos.

Gabriel, uma criança difícil, passa a ser, depois de iluminado pela compreensão espírita, um indivíduo com possibilidades várias que irão se desenvolver ainda que através de experiências difíceis. A mãe, Dilma, não é uma maluca que não tem competência para ajudar os filhos, mas uma criança perdida no cipoal das emoções desajustadas e que, infelizmente, levada pelo sofrimento, começa a encontrar o fio da meada para desfazer o tecido terrível do orgulho e egoísmo no qual se envolveu.

Prefácio

A existência terrena é fecunda em experiências no seu cotidiano, mostrando-nos quadros de multiplicidade e exuberância estonteantes, apesar das semelhanças gerais e das características comuns e naturais do planeta a que nos vinculamos em nossa maratona evolutiva.

O fato de não existir um único Espírito exatamente igual ao outro, por força da utilização do livre-arbítrio a partir do alvorecer da razão - leva-nos à compreensão do porque de as mesmas oportunidades e vivências semelhantes revestirem-se de particularidades e comportamentos especiais, particulares. Há, bem o sabemos, um padrão comportamental geral, mas a dessemelhança está na forma de conceber e de sentir as experiências, bem como nas repercussões anímicas por elas determinadas: unidade na diversidade.

A riqueza de nuances e colorações vivenciais apresentadas pelos atores do imenso palco terreno, assemelha-se àquela encontrada entre as flores da natureza, em seus formosos matizes e desenhos, recortes e texturas.

Ninguém mostra-se exatamente igual a ninguém, assim como as experiências de cada um são de uma particularidade desconcertante em meio ao comunitário e à rotina, conquanto possam estar as pessoas representando papéis semelhantes. Cada pessoa tem um tempo específico, um momento próprio e reage de acordo com o seu caráter, o seu desenvolvimento e sua condição evolutiva.

Todos somos dotados de livre-arbítrio que nos permite ter participação relevante na tessitura de nossa felicidade e integração às leis divinas; mas também somos regidos e tangidos, em ponto maior, pelo Determinismo Divino, a nos conduzir inexoravelmente ao destino luminoso com que nos brindam a Misericórdia e a Justiça Divinas, em sua ação complementar e indispensável ao nosso progresso espiritual.

A dimensão física funciona como um grande laboratório a nos viabilizar oportunidades práticas e repetidas que nos habilitam ao aprendizado, funcionando como uma grande escola em que estamos matriculados, voluntariamente ou não, a depender da nossa maturidade, assim como ocorre na educação formal, com os pais conduzindo e estimulando seus filhos ao aproveitamento do ano letivo.

A vida orgânica tem, pois, objetivos educacionais bem definidos: é um curso demorado, cíclico e polifásico de cidadania cósmica. Forma Espíritos para a assunção do seu papel no contexto universal, a partir do conhecimento e vivência plenos das leis divinas, e habilita-os para o exercício das atividades e relações que os dignificam e felicitam.

Na condição de educandos, somos submetidos ao cumprimento de um programa com objetivos gerais e específicos, facilitado por estratégias pedagógicas infalíveis, franqueando-nos ora uma participação passiva, em que pela observação, deixamos-nos embalar pelo moto contínuo do progresso; ora ativa, em que se nos impõe a ação transformadora e criativa, seguida de avaliação compulsória dos resultados, pelos mecanismos reativos da lei.

Somos pois, levados ao campo das experiências, ao exercício prático dos conteúdos teóricos apreendidos; mas temos, na observação da experiência de outros companheiros de jornada terrena, uma estratégia facilitadora ao nosso fortalecimento nas situações de prova que nos prepara o futuro próximo ou distante.

Logramos aprender com os erros e acertos, nossos e dos outros, de tal maneira que até o mal é aproveitado para o nosso processo anímico de aprendizagem.

Temos os grandes e maravilhosos exemplos de missionários, mas sem dúvida aqueles exemplos pinçados no dia-a-dia costumam ecoar fortemente e ser relevantes às nossas necessidades, desde que nos debruçemos sobre eles.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (cap.X, item 20), em resposta ao questionamento feito por Allan Kardec, acerca de ser lícito observar-mos o comportamento imperfeito dos outros, o Espírito São Luís alerta-nos:

“Tudo depende da intenção.”

Sendo-nos aproveitável “quando (...) limitamo-nos a observá-lo para proveito pessoal, ou seja, para estudá-lo e evitar aquilo que censuramos nos outros. Essa observação, aliás, não é útil ao moralista? Como despreveria ele as extravagâncias humanas, se não estudasse os seus exemplos?”

As histórias de vida dos outros, quando bem analisadas e estudadas, constituem-se em grandes lições para todos, patrocinando oportunas reflexões.

Encaminhados às provas e oportunidades reencarnatórias, todos portamos as melhores probabilidades para o seu bom êxito. Nascemos *Preparados para a Vitória*, como destaca a Prof* Heloisa Pires nesta obra que o leitor amigo tem agora em sua mão e que somente o carinho e a amizade da autora e de seu editor levaram-nos a me confiarem o prefácio.

O livro de Heloisa Pires é de uma riqueza e expressividade impressionantes, cativando e prendendo a atenção de quem o lê por sua singeleza e profundidade, lirismo e realidade simultâneos.

De fato, a sensibilidade da querida amiga empresta tons poéticos às páginas do seu livro e a sua fidelidade à proposta educacional do Espiritismo, conduz-nos invariavelmente a uma análise racional, útil e pragmática de cada experiência relatada.

São contos tocantes, impressionantes, reflexivos, emocionantes, em que se ressalta inequivocamente ser o mundo - a despeito do sofrimento, da miséria e da dor- abençoado ensejo ao progresso do Espírito, que conduz na bagagem todas as ferramentas e o material indispensável para o bom aproveitamento da experiência.

Somos todos “deuses” e estamos fadados à felicidade.

Estamos todos *Preparados para a Vitória*, o que se traduz por vencermos a nós mesmos, com o abandono firme das velhas e peremptas cidadelas do egoísmo, do orgulho e da materialidade.

Francisco Cajazeiras Setembro de 2003

1 O nome de uma flor

Nome de uma flor, espírito florido emitindo estrelas. Bondade e firmeza. Ajuda a quem precisa sem reclamar; feliz, sorrindo, como se o necessitado é que lhe fizesse o favor. Agora é espírita, mas sempre foi cristã, exemplificando o que Jesus faz por nós quando compreendemos os seus ensinamentos.

Conhecimento que vem de outras encarnações e aumentou na presente existência. O povo diz, com sabedoria, que é necessário comer um pouco de sal juntos para conhecer a pessoa. “Comemos” o sal, trabalhando por vários anos, auxiliando deficientes Físicos. A alma nobre, a correção moral, a bondade, a firmeza, sempre me encantaram.

Com ela não tem tempo ruim, precisa ser feito, será. O marido ficou doente e, embora estivessem afastados, ela o recolhe com amor e tratou

dele como a um filho querido até o último dia na Terra, nessa encarnação.

O pai ficou com o mal de Alzheimer e ela cuida do grande bebê com um carinho excepcional.

Reconhecemos os espíritos especiais na vivência diária. Ela é superespecial.

Problemas do passado, relacionamentos familiares difíceis foram vencidos através dos anos. Conta com tranquilidade que, como Yvonne Pereira, a grande médium, não encontrou na família afetos do passado, mas uma certa falta de sintonia que resultou em uma espécie de rejeição. Foi procurar e encontrou amigos queridos que supriram a falta de carinho; amam-na hoje e sempre.

A família agora aprendeu a amá-la e reconhece o seu valor. Em vez de ficar brigando, ela foi trabalhando e modificando situações.

No prédio onde mora é querida por todos e a porta, sempre aberta, permite a entrada das vizinhas amigas que a auxiliam a tratar o pai doente. A impressão que temos ao visitá-la é de que a casa está sempre em festa. A festa existe no coração dessa amiga querida que ilumina a todos que dela se aproximam. Ensina através do exemplo e tão humildemente que, para os menos avisados, seria um espírito comum.

Escolheu nessa encarnação a experiência difícil da pobreza na infância, mas venceu com brilhantismo a prova e hoje, economicamente bem situada, apesar de não ser rica, ajuda, inclusive com palestras, os mais necessitados.

Explica nas palestras que podemos mudar situações desagradáveis, através do nosso trabalho e do auxílio espiritual.

Existe um grupo de espíritas que enobrecem a raça humana e com os quais gostaria de voltar na próxima encarnação. Essa amiga querida está entre os primeiros. Nome de flor, alma cheia de estrelas...

Flor - apenas uma estrela - flor

Eu a vejo em um passado distante, forte e bela; dominadora; líder exigente. Errou, como todos nós erramos. Lesou como todos nós. Leal para com os amigos; terrível com os inimigos. Poderosa pelo nascimento, casamento e competência. Inteligência aguçada. Só fazia o que queria e nem sempre o melhor para a maioria.

Com os julgados inferiores, agia da mesma forma; aos queridos, tudo; àqueles com os quais antipatizava, nada.

Perseguiu, matou, destruiu; nunca traiu os que nela confiavam. Em uma época de espíritos falsos e traidores, já se distinguia pela lealdade. Sacrificava-se pelos que amava porque era o que a fazia feliz.

Participou de várias guerras dentro dos castelos, mas, orientando, dirigindo as mulheres, cuidando para que tudo caminhasse da melhor forma possível.

Quando soube que o inimigo aprisionado era o autor da morte do seu melhor amigo, mandou matá-lo aos poucos, observando com prazer o grande sofrimento. Dois dias depois adotou o filho de uma mulher vencida na guerra, amando-o com todas as forças do seu coração.

Incoerente? Não. Um espírito forte que ainda não havia permitido o desabrochar das suas potencialidades luminosas.

Certo dia soube que a mulher de um amigo querido o traía, preparou uma armadilha para desmascará-la e depois aprisionou-a num calabouço, fazendo-a morrer longe de tudo o que amava, sem assistência alguma.

Quantas cestas de comida distribuiu, amenizando a fome dos necessitados! Quantos curativos fez, atenuando os males das guerras primárias! Quantas cabeças apertou junto ao peito, consolando, curando, fazendo de desconhecidos, filhos queridos!

E assim a nossa estrela-flor atravessou os séculos, acompanhada de bênçãos e desejos de vingança. Forte na capacidade de amar e terrível nas vinganças.

Desencarnando após sofrimentos vários, foi encaminhada a uma colônia espiritual. Os dias se passaram e ela foi levada a uma grande sala para ver o filme de sua vida. Chorou e reconheceu que acertara e errara, mas que fora terrível nos erros. Pediu encarnações de aprendizagem para acabar com os espinhos da sua alma. Pediu também para que o Cristianismo a cercasse, impedindo novas quedas.

Nasceu no Brasil, país que lhe permitiu a prática contante da caridade. Veio entre ex-inimigos do passado, para que os corações se harmonizassem; só um amigo reencarnou como seu pai; ela o cobriu de atenções e como fazia outrora, com os que amava, cuidou, quando ele necessitou dela, como um filho querido; nunca reclamou do trabalho; trocava suas fraldas com alegria. Envolvia o amigo em tanto amor que para ele o sofrimento quase não existia. Ele era agora um bebê feliz. E a estrela-flor mais feliz de poder cuidar dele.

Os inimigos de outrora, hoje familiares que ainda a olhavam com desconfiança, começaram a ser também conquistados pela capacidade de amor desse indivíduo especial que entendera Jesus e procurava praticá-lo.

Conquistas preciosas se fizeram em alguns anos; séculos escuros foram iluminados pela luz do amor. A teia de desafetos e dores, tecidas no passado, foi sendo desfeita pelos ensinamentos de Jesus. A comunidade prejudicada outrora era agora assistida e esclarecida; Estrela-flor, distribuía as flores da sua alma sorrindo alegremente. O seu carisma conquistava amigos e iluminava corações.

Só o Espiritismo pode explicar esse Construtivismo Divino.

Através das Reencarnações acompanhamos Estrela-flor crescendo espiritualmente, desgastando as arestas do diamante puro que era e transformando-se em um brilhante belíssimo, que emite as luzes do Amor por todo o Universo.

Sois deuses, sois luzes...

2 Davi

O nome foi tirado da Bíblia. Como o gigante Davi, o nosso Davi é um forte; não fisicamente falando, mas considerando a força espiritual.

Nasceu muito pequeno e tão magro e frágil que permaneceu um mês na incubadora. Apresentou vários problemas. Cresceu com dificuldades múltiplas. Enquanto os amigos corriam, jogavam bola e subiam nas árvores, Davi lutava bravamente para sobreviver. Falta de ar; dificuldades no controle do corpo. Fala arrastada; expressão lenta na exposição do pensamento. Descontrole nas necessidades básicas do corpo, o que o obriga a usar fraldas.

Num mundo difícil e com tanta concorrência na procura de emprego, como sobreviverá o nosso pequeno?

David cresce lutando bravamente. Controla com a inteligência o tremor do corpo. Melhora a expressão falada com o auxílio do fono e esforço próprio. Aprende a andar com muletas canadenses e sorri quando a dificuldade é maior. Consegue domar a mão vacilante e os movimentos muito abertos e domina o computador; não com a facilidade dos jovens do século XXI, mas com a rapidez possível em que tem que trabalhar cada movimento, como se fosse um ET expressando-se em um mundo diferente do seu. Cada gesto é cuidadosamente planejado, requer suor e muitas vezes lágrimas; mas nunca alguém vibrou tão alegremente quando conclui um texto como Davi. A apresentação gramatical é perfeita, o raciocínio lógico é preciso, a capacidade de análise-síntese completa. Molhado de suor, o corpo cansado depois de horas de trabalho, Davi, os cabelos molhados caindo na testa, é um herói; e feliz, muito feliz.

Nos vários anos que passei ao lado de Davi, numa proposta de ensinamento, mas na realidade aprendendo a ser forte, a não desanimar, a encarar as dificuldades com bom humor, nunca o ouvi reclamar.

Certo dia ele me surpreendeu tanto, não só pela paciência com que vencida as dificuldades, mas pela perfeição no trabalho. Despedi-me feliz com o sucesso do “meu menino” e fui dormir perguntando-me quem seria Davi. Eu, que muitas vezes não me lembro dos meus sonhos, recordei cada detalhe ao acordar.

Sonhei que estava em um grande palácio e que Davi era alguém muito importante pois todos se curvavam à sua passagem e o obedeciam. Havia um senhor mais velho que parece que era o que mandava mais. Mas Davi era respeitado e amado. Bom e pareceu-me justo. O povo vizinho começou uma guerra e praticou horrores contra o povo de Davi. Seu pai foi assassinado e arrastado pelas ruas.

Davi, que fugira para as montanhas, reorganizou o seu exército e voltou com toda a raiva que um ser humano é capaz. Foi uma vingança

terrível; os instintos bárbaros vieram a tona e ninguém reconheceria o gentil Davi no jovem carniceiro. Com os seus homens dizimou o exército inimigo e foi para a cidade vizinha continuando a sua vingança. Não deixou uma casa inteira, uma família livre de vingança. Crianças inocentes pagaram pela morte do seu pai e dos seus amigos.

A cidade desapareceu no meio do fogo. Os seus habitantes foram mortos ou escravizados. O jovem encantador era agora um homem amargo e cruel. Deixou um rastro de lágrimas e sangue. Cinco leais amigos o acompanhavam. Nenhum deles tentou chamá-lo à razão. A mulher amada também estava transformada em um demônio vingador. Exigia até a última gota de sangue dos inimigos.

Muitos anos após a reencarnação, o grupo que partira *Preparado para a Vitória* estava reunido, choroso em uma instituição organizada pelos espíritos que haviam sucumbido aos impulsos destruidores do passado. Tristes, abatidos, não conseguiam perdoar os erros cometidos.

A jovem esposa de Davi ainda tentava se enganar; dizia:

- Enlouquecemos com o sofrimento dos nossos queridos. Tivemos toda a razão.

Davi sacudia a cabeça tristemente e as lágrimas inundavam o rosto abatido.

Vagava muito tempo pelas regiões de necessidade e dor. Fora humilhado, massacrado por suas vítimas tantas vezes que perdera a conta. Ele e o seu grupo lutavam como se ainda estivessem encarnados. Batiam e apanhavam numa loucura inacreditável.

Certo dia, Davi, muito cansado, deitou no chão enlameado e desejou voltar ao colo da mãe. Pela primeira vez, desde que desencarnara, pensou que não valia a pena lutar daquela forma. Lembrou-se dos ideais de justiça e amor e chorou longamente. Dormiu com a cabeça apoiada numa pedra. O jovem poderoso e mimado, amoroso e cruel, era agora apenas uma criança cansada. Os amigos como sempre o imitaram.

Entidades luminosas velaram por eles até conseguirem conduzi-los a um hospital próximo a região umbalina.

Dormiram anos e anos, sempre tratados com muito amor; os pesadelos é que atrapalhavam a possibilidade de paz. Em outro pavilhão vários dos considerados inimigos eram tratados também. Para os amigos espirituais não havia vitoriosos ou derrotados, culpados ou inocentes; apenas crianças ensandecidas precisando de tratamento adequado.

Davi foi o primeiro a despertar. Não conseguia se perdoar. Agira com crueldade. Não procurara justiça, mas vingança.

Entrou em um processo de depressão do qual se recusava a sair.

Explicaram que haviam atenuantes para os erros e que a “Parábola do filho pródigo” valia em todo o processo de reeducação.

Nada fez Davi se perdoar; exigia o “olho por olho, dente por dente”.

Seus pais vieram conversar com Davi pedindo que ele se reeducasse no sentido de não mais agir impulsivamente. Pediram que visse como estavam bem e felizes. Na realidade não eram vítimas, mas vencedores. As vítimas de si mesmas eram as que agiam com crueldade.

Davi disse que concordava com essa opinião e que ninguém fora mais cruel do que ele.

Os pensamentos negativos agiam sobre o seu perispírito provocando pequenos desajustes. Pediram que ele mudasse o seu modo de pensar, caso contrário nasceria com problemas; ele disse que era o que desejava, que não se permitiria um momento de paz.

Quando viram que não podiam fazê-lo mudar de idéia, os pais resolveram reencarnar, formando novamente a família anterior. A esposa queria voltar novamente com Davi, pois o amor era antigo e sincero. Os amigos vieram como primos e irmãos e alguns desafetos se uniram a família.

Davi desejava sofrer, mas na verdade ele, pela ternura despertada, pela força de vontade, pela alegria imbatível, seria o centro de forças daquele grupo, exemplificando, agora no bem e na luz, a mesma força que expressara outrora na necessidade e na dor. Seria uma estrela brilhante convidando os homens a refletirem sobre as bênçãos recebidas.

O grupo reencarnara e ali estava o meu Davi encantando a todos com a força do seu espírito. Prometera não reclamar e só dizia palavras de encorajamento e de ternura. Uma menina linda o olhava encantada; era a ex e futura esposa que provava que o verdadeiro amor é imortal. Os pais sorriam com a vitória de Davi e nunca, em nenhuma encarnação, haviam sido tão felizes quanto nessa, carregando nos braços o filho querido que carregava espiritualmente todos pelos quais se responsabilizara no passado.

Para mim também Davi é uma bússula, apontando sempre para a vitória, que espera todos os que aprendem a amar ao próximo como a si mesmo..

Força espiritual - Davi

Conhecendo bem as crianças especiais que o são pela capacidade de lutas e vitórias, mesmo assim Davi conseguiu me surpreender.

Eu os conheci em corpos com distrofia muscular, lesões cerebrais, problemas neurológicos vários e a maioria com uma força de vontade imensa que os transformava em exemplos para os ditos normais.

É claro que sempre os preferi aos lesados na moral; os corruptos, os egoístas, os coléricos, esses realmente são difíceis. Os defeitos na casca são superáveis; as mutilações no espírito causam problemas maiores no meio onde o indivíduo se expressa.

Caminhei com minhas queridas crianças e jovens aprendendo muito com eles, principalmente na área de Informática, na qual a competência da maioria me fazia pensar que aos antigos falta treinamento no mundo espiritual para lidar com os computadores.

Aprendi também que se todos erramos e acertamos no passado, o julgamento de maiores erros ou acertos é fruto da nossa maioridade espiritual e do despertar da nossa consciência. Com Herculano Pires, meu pai, aprendi, compreendendo melhor Kardec, que dificuldades não são castigo, mas exercícios preciosos para o nosso desenvolvimento pleno. Compreendí também que a prova mais difícil pode ser escolhida pelo espírito mais corajoso e não pelo que errou mais. Mesmo porque não existe avaliação sobre o tamanho de erros e acertos, mas dificuldades a serem vencidas com o nosso desenvolvimento espiritual, lições por nós escolhidas ou surgidas das necessidades do planeta no qual nos expressamos. *O Livro dos Espíritos* é claro quando, no item Fatalidade, em Leis Morais, diz que fatal só o nascimento e a morte. Davi poderia escolher outras lições para conseguir reeducar-se na prática do perdão e do amor; falou mais alto ao seu coração a das dificuldades físicas. Para outros, as dificuldades morais atendem mais aos seus desejos. Outros, tão desequilibrados estão que não podem escolher e contam com amigos espirituais que escolhem por eles. A lei é flexível; a Lei é de Misericórdia. Se Jesus nos convoca ao perdão irrestrito, imaginemos a capacidade de perdoar do Nosso Pai Amoroso, Deus. Mas nós não sabemos perdoar porque a lição não foi bem aprendida; não nos permitimos os exercícios necessários para desenvolvermos essa prática libertadora.

Conseguindo ou não nos perdoarmos, precisamos de experiências que nos auxiliem a compreender e a praticar a “arte de bem viver”, para sermos felizes. Dificuldades e facilidades constituem esses exercícios esclarecedores. Tantas vezes julgamos castigo o que é apenas método didático especial. O que seria do bebê se, entre acertos e erros, tombos e pequenos passos, não tivesse o direito de construir a sua capacidade de caminhar? Que seria de todos nós se, entre acertos e erros, facilidades e dificuldades, não aprendéssemos a controlar nossas emoções?

Davi sorri sempre porque seu inconsciente, mais sábio do que o consciente, sabe a Verdade. Ele é um vitorioso, e líder, conduz outros vitoriosos à vitória.

Viver é uma arte e a Verdade visa fazer de péssimos artistas, sem talento, artistas brilhantes: sois deuses, sois luzes...

3 Rina

Morena clara. Olhos grandes, negros, melancólicos. Séria, raramente sorri.

O cabelo é preso em coque. A roupa que usa seria própria para uma senhora de cinquenta anos.

Rina, menina-mãe tem apenas 20 anos.

Responsabilidade, disciplina; realizar todas as tarefas com propriedade, essas são as preocupações diárias de Rina. Assume as suas tarefas e

as dos outros. Parece uma formiguinha correndo de um lado para o outro, atendendo a todos os que necessitam. Auxilia crianças deficientes em uma escola especial.

Menina ainda, encontrou o atual marido e imediatamente sentiu que ele seria uma pessoa importante em sua vida. Bem casada, um filho saudável. Rina apresenta grandes problemas econômicos e alguns problemas físicos. Diabete, problemas no coração, problemas no útero, hemorragias constantes, complicam a vida da pequena Rina. Mas Rina reage e vence os seus problemas que a deixam cansada e um pouco melancólica.

Muitas vezes a encontrei fitando o vazio como que se perguntando o porque de tantas dificuldades.

Porém é forte diante dos problemas que poderiam fazê-la fracassar nessa encarnação.

A falta de saúde, a falta de vitalidade, a aflição. Gostaria de ser muito forte, para trabalhar mais e mais.

Mas, o cansaço! Ah! Que cansaço! Muitas vezes seus joelhos ameaçam arrastá-la para o chão. Quantas vezes desejaria deitar no chão e dormir um sono, sem sonhos, por horas e horas.

O cansaço quase nunca a abandona, mas ela aprendeu a vencê-lo.

Quando o despertador toca pela manhã, embora desejasse continuar deitada, como pede o corpo dolorido, pula da cama e inicia a sua maratona.

Dias mais fáceis e dias muito difíceis, mas Rina não deixa de pensar:

- Por que tantos problemas? Por que tanto cansaço?

Tantos preguiçosos fortes e ela, que só desejaria trabalhar incansavelmente, sofre tanto.

Os olhos marejados fitam um horizonte distante e lembranças consideradas mortas ameaçam aflorar. Sons longínquos de festas, de vida fútil, como que a envolvem; ela sacode a cabeça, desejando mandar embora pensamentos indesejáveis e volta ao mundo real com a sensação de que afinal tudo está certo.

Sabe que existe uma razão para tudo e embora não possa discerni-la, a resposta acende uma luz de alerta no seu inconsciente enviando a mensagem: “lute, não esmoreça. Você vai vencer.” Um vulto luminoso a abraça e ela ouve telepaticamente palavras de conforto e de fé. Sim, deve haver uma razão; o importante é que Deus a ama e ela um dia ficará boa. A Medicina está sempre fazendo novas descobertas e encontrarão solução para os seus problemas. Terá paciência e tudo se resolverá.

Embora apressada, vai realizar suas tarefas com relativa tranquilidade.

Em um dia especialmente difícil, quando nada dava certo, Rina ficou muito mal e precisou ir para casa. Deitou-se no sofá da sala humilde e desmaiou.

Sonho ou realidade?

Viu-se jovem, forte e linda. Ficou impressionada com a vitalidade, a energia que transmitia através do brilho dos olhos, do sorriso fácil, das risadas cristalinas. Notou que dominava a todos e que mandava e era obedecida. Sentiu que era adorada pelos homens e temida pelas mulheres.

O sorriso era belo e duro.

Dançava incansavelmente, participava de caçadas, inventava peças para um teatro que tinha em seu palácio, auxiliava nos ensaios, escolhia as roupas. Mostrava força interior, inteligência, criatividade. Suas companheiras desapareciam ao seu lado, passivas.

Rina vivia com alegria e passava os dias no atendimento a todos os seus desejos.

Numa das festas encontrou um jovem cujo olhar provocou uma faísca que causaria um grande incêndio.

Rina tentou conquistá-lo. Ele, casado, sério, ficou imune ao encanto de Rina. Ria com as brincadeiras de Rina, mas deixava bem claro que a sua vida era de trabalho e de dedicação à esposa e ao filho.

Rina não se conformou e jurou conquistá-lo

Aproximou-se da esposa do jovem de quem se fez amiga.

A jovem mulher sentiu perigo nas visitas de Rina, mas, humilde, sabia que dificilmente venceria a poderosa Castelã.

Rina acabou envenenando a jovem; o crime despertou suspeitas mas nada foi provado; a poderosa Rina nem ao menos foi considerada suspeita.

Novamente Rina iniciou um terrível assédio sobre o jovem, mas nada conseguiu. Ele lhe explicou que a considerava amiga, mas que eram muito diferentes. Ela adorava festas, ele, não. Ela era rica; ele, pobre.

Os meses se passaram; três anos e Rina não desistia de conquistá-lo; virara uma obsessão.

Um dia soube que o jovem que julgava amar estava envolvido com uma jovem bela, simples e muito bondosa. Ficou furiosa: como ele ousava rejeitá-la e ainda escolhia outra para dedicar atenção? Não permitiria jamais que a fizessem de tola.

A partir daquele dia a jovem fútil e alegre se transformou em sombra ameaçadora. Meditava horas tramando a grande vingança. Conseguiu que a carruagem na qual os noivos viajavam fosse sabotada e os dois morreram no acidente.

Só então Rina despertou, compreendendo o que fizera. Não teve mais paz. Chorava dia e noite e acabou morrendo, levada pela depressão e intoxicada por seus pensamentos deletérios. Sombras escuras a envolveram. Não encontrou os que assassinara mas encontrou espíritos terríveis, que prejudicaram em encarnação anterior.

Rina sofreu muito e foi castigada muito mais do que desejava.

Um dia a primeira esposa do homem que julgava amar veio buscar Rina, que estava deitada no chão, coberto por grama rala, chorando desesperadamente. A jovem linda abraçou Rina e orou pedindo a Deus que lhe permitisse socorrer aquele espírito necessitado. Partiu carregando Rina junto ao coração como se levasse jóia preciosa.

Um longo período de reeducação passou até que Rina pudesse planejar uma nova encarnação.

Escolheu a pobreza achando que seria mais humilde. Os problemas físicos eram consequência do seu desequilíbrio mental e deixariam de existir quando ela se sentisse quite com a justiça divina.

Rina pensou que sendo pobre, cansada, desvitalizada, menos atraente, teria menos chances de errar, o que nem sempre corresponde à realidade.

Renascu com as dificuldades que a perturbavam na citada encarnação.

Casou cedo, não com o jovem que julgava amar, mas com um marido amoroso e paciente de uma encarnação anterior. Recebeu como filho um dos indivíduos que a auxiliara nos crimes. Fizera muitos cursos, recebera muito tratamento para que viesse preparada para a vitória.

O crescimento espiritual era difícil, doloroso; Rina criara suas dificuldades maiores.

Possuía, porém, amigos que velariam por ela. A força do Amor de Deus vertia sobre Rina atenuando seus males.

Seria vitoriosa. Fora bem preparada. Possuía força interior. Fora *Preparada para a Vitória*.

Um dia, não muito distante, seria completamente feliz...

Rina acordou sorrindo, um de seus raros e lindos sorrisos.

Começava a compreender a Lei de Amor... Começava a crescer espiritualmente... A ser feliz...

4 Luiz

Dez anos. Corpo de menino, cara de homem “mal encarado”, como diria o povo.

Todos reclamam de Luís. Bate nas meninas, implica principalmente com as mais bonitas e arrumadas.

A mãe é chamada muitas vezes na escola onde estuda. Explica que o pai de Luís o abandonou antes do nascimento e que ela casou com o homem com o qual teve três filhas. O padrasto de Luís o odeia e ama as filhas; para elas tudo, para Luís nada. Esse homem, possivelmente ciumento da vida anterior da mulher e tendo à sua frente o produto de uma experiência da qual não participou, agride o fruto inocente porque sabe que a reação será pequena. Diz para Luís que ele é retardado, que nunca será nada na vida, que ele atrapalha a vida deles e devia sumir. A mãe que parou de trabalhar em casa de famílias após o casamento, ama provavelmente Luís, mas teme perder o companheiro que a sustenta, que lhe dá status no meio pobre onde vivem. Parece sincera quando diz que se não tivesse mais três filhas, abandonaria o homem que causa tantos problemas ao seu filho. Diz que, longe do marido, conversa muito com o filho e o leva à igreja protestante que frequenta; que ele chega “lindo de teminho, parece um pastor”, mas que inevitavelmente acaba se envolvendo em brigas.

Foi orientada a procurar uma psicóloga para Luís, a tratá-lo com amor e consideração, a elogiar tudo o que ele faz bem, a melhorar a autoimagem positiva de Luís.

Na escola onde estuda todos o tratam com amor e às vezes parece que ele vai conseguir vencer os seus problemas emocionais. De repente dá a louca em Luís que, não controlado, pode machucar alguém. Perde a cabeça por qualquer motivo tolo e como que, deseja se livrar das humilhações que passa em casa, batendo em todos. A luz do Espiritismo verificamos também um grande envolvimento espiritual de seres necessitados que parecem temer o abandono do menino, caso ele se equilibre emocionalmente.

Colocamos o nome de Luís na vibração de um trabalho de desobsessão e as entidades necessitadas começam a se comunicar. Algumas dizem gostar dele e não se conformam em perdê-lo. Outras dizem claramente que o odeiam e o levarão até o fundo do poço. Falam em tortura, traição, abandono. Muitas são esclarecidas e libertadas. Outras têm dificuldades em perdoá-lo, esquecidas dos próprios erros e de que todos precisam de perdão.

O trabalho segue por vários meses. Luís parece mais calmo, menos agressivo. Continua dando trabalho em casa, principalmente em relação a uma irmã que odeia. A mãe continua a ser orientada a ter paciência e firmeza. Mãe e filho são encaminhados a tratamento psicológico e continuam a receber o tratamento espiritual à distância.

Certa noite um que diz ser o chefe dos obsessores se comunica e conta o que diz ser a história de Luís.

Eram irmãos, diz ele, como tantas vezes tinham sido. Cresceram brincando juntos, brigando, desentendendo e acertando os passos. Os pais estavam bem situados financeiramente e trabalhavam para um rico senhor que tinha muitas terras e que os tratava com consideração. A mãe era como outra mãe dos filhos do senhor e era muito amada por sua patroa. Cresceram brincando com os filhos dos patrões, numa existência tranqüila. Luís já então era impulsivo e não muito confiável; era também sujeito a ataques epiléticos e recebia o tratamento necessário do médico da família para a qual trabalhavam.

Ficaram jovens e numa festa da comunidade conheceram uma jovem que para eles era uma estrela e que, não por acaso, amaram com loucura.

A jovem ficou encantada com o irmão de Luís e neste, via apenas o estranho irmão do homem que a atraía.

O namoro foi ficando mais forte, os meses passando e Luís, desesperado, achava que ia perder a mulher amada. A sensação de perda o enlouquecia porque já passara pela mesma experiência em uma encarnação anterior, quando fracassara, não suportando a rejeição. Durante séculos ficaria desequilibrado perante rejeições.

Luís chorava e esbravejava escondido, mas parecia calmo perante os amigos e namorados.

Planejava cuidadosamente a morte do irmão. Justificava-se dizendo que era um jovem volúvel que não dava valor à mulher amada e que a abandonaria por outras.

Faltava um mês para o casamento. A alegria era imensa; os patrões preparavam a festa como se fosse para um de seus filhos.

Luís andava agora taciturno e mal-humorado. Sumia pelas florestas, principalmente quando os namorados estavam em casa. Sua cor era amarelada, o mau hálito era intenso e como que um cheiro ácido saía do seu corpo. As crises epiléticas eram mais intensas e muitas vezes a mãe temeu por sua vida.

Uma velha considerada bruxa, mas que era apenas vidente, encontrou-o um dia e saiu correndo dizendo que ele estava abraçado por um monstro. Acharam que ela estava cada dia mais louca. Mas na verdade Luís atraía um espírito necessitado que se apresentava completamente desequilibrado no corpo perispiritual, espírito que desejava que Luís sofresse cada vez mais. Numa encarnação anterior fora traído por Luís, acusado injustamente de um crime que não cometera e terminara seus dias na prisão. Agora ria, induzindo Luís a um crime. Luís amou a indução e só a aceitou porque era exatamente o que desejava.

Uma caçada foi combinada como parte das comemorações do casamento e Luís aproveitou a correria, o latido dos animais, a confusão, para matar o próprio irmão. Foi terrível. Os pais choravam inconsoláveis; a mãe ficou doente e nunca mais sorriu. A noiva entrou para um convento fugindo do assédio de Luís. Desapontado e cheio de remorsos, os seus ataques ficaram mais intensos; um dia ele caiu no bosque e passou a noite no frio; foi achado pela manhã, mas estava muito mal e não desejava viver. Morreu em poucos meses. Entrou em grande sofrimento e muitas vezes lamentou a tolice cometida que só trouxera dor. Tentava ver o irmão e a quase cunhada e não conseguia. Só muito mais tarde, soube que o irmão, pela capacidade de perdoar, estava em regiões melhores. A cunhada criava uma barreira luminosa pela bondade do coração e pelos hinos sinceros que elevava a Deus agradecendo a benção da existência e aceitando com resignação o sofrimento que tinha de enfrentar. Luís só conseguia ouvir suas preces e cantos e a voz doce penetrava no seu coração fazendo com que se arrependesse ainda mais dos sofrimentos que provocara.

Os pais eram vistos por Luís mas ele ficava tão envergonhado que não ousava se aproximar. Um dia encontrou com a velha que julgava louca e que continuava encarnada mas viu Luís e o triste estado em que se encontrava e saiu correndo fugindo para a igreja para rezar.

Luís sofria com as orações da mãe pelos dois filhos que ela colocava no mesmo pedestal de santidade. Chorava ao ouvir as orações da mulher amada pedindo que ele, junto com seus familiares, recebesse a sua prece sincera.

Nunca alguém pensou que Luís fosse o assassino. Só o irmão sabia, mas tentava apagar aquela informação, como só as almas nobres sabem fazer, achando que Luís passara por um momento de loucura. O obsessivo continuava perto de Luís e muitas vezes rolavam lutando como dois irmãos que não podem viver um sem a energia do outro.

O tempo passou e os pais chegaram ao mundo espiritual. Foram recebidos pelo irmão de Luís e levados para a casinha que era dele. Perguntaram por Luís e o irmão respondeu que ele continuava em tratamento e que em breve poderiam encontrá-lo. Quiseram saber mais e como tinham merecimento e maturidade espiritual, um instrutor especializado em dar notícias tristes aos familiares foi chamado para as explicações necessárias. Os pais, atônitos, não entendiam como puderam ser enganados. Abraçaram o filho que fora a vítima, agradeceram o perdão que dera ao irmão, mas, disseram que precisavam auxiliar o assassino. Entenderam que isso já estava sendo feito e que iriam participar mais tarde do processo de cura de Luís. Foram conduzidos ao quarto para o descanso necessário.

No dia seguinte a família reunida foi planejar o auxílio a Luís. Ficou combinado que o irmão só o veria mais tarde para não envergonhá-lo.

Souberam que Luís fora levado a uma sessão espírita para receber mais intensamente a ajuda de que necessitava.

A Casa Espírita estava preparada desde cedo para o trabalho da noite. Viram Luís deitado desanimado no chão da casa, abraçado a um espírito igualmente necessitado.

A mãe vibrava amorosamente e Luís foi levado à comunicação; recebeu o impacto energético dos amigos **espirituais e dos pais e os fluidos vitais que ainda falavam tão alto aos seus hábitos; o perispirito grosseiro necessitava daquele alimento. Durante o esclarecimento, Luís foi convidado a refletir sobre a infância, e viu a mãe. Chorou envergonhado e tentou fugir; ela o abraçou com amor e embalou-o cantando a música que usava para niná-lo e ele adormeceu; os amigos espirituais o receberam e ele foi levado a um hospital do mundo**

espiritual. O espírito necessitado que o envolvia também adormeceu e foi socorrido. O rosto perispiritual da mãe de Luís irradiava uma alegria tão intensa que emitia um foco de luz; ali mesmo, ela ajoelhou e agradeceu a Deus a libertação do filho. Hora de alegria e de planejamento para futuras encarnações.

Luís dormiu alguns anos e depois iniciou uma terapia de conscientização dos seus erros, com trabalho para que conseguisse se perdoar, na “Caridade para com os criminosos”, tão bem explicada no *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Finalmente chegou o dia temido por Luís, o reencontro com o irmão. Desejou fugir, mas não conseguiu; o irmão chegou na casa de Luís e o abraçou como se nada tivesse acontecido; Luís ajoelhou-se no chão e pediu perdão; o irmão pediu que ele mesmo se perdoasse e disse que a experiência o libertara de um peso imenso, produto de erros do passado. Abraçaram-se e assumiram o compromisso de continuarem unidos, auxiliando um ao outro. Chegou a vez da cunhada e Luís percebeu que ainda a amava intensamente; pensou que aquele amor continuaria a atormentá-lo; ela captou o pensamento e com um sorriso lindo, disse que estava pedindo a Deus para renascer como sua avó, para que ele santificasse o seu amor; pediu que ele não se preocupasse, porque esse amor que parecia tão pernicioso, seria transformado em uma luz preciosa que os auxiliaria no desenvolvimento espiritual. Luís sentiu esperança e a fé começou a vibrar em seu coração sofrido.

Hoje, Luís, reencarnado, precisa lutar muito para vencer. Amigos e inimigos estão ao seu lado. *Preparado para a Vitória*, pode obtê-la. Não será fácil, pois ainda está desequilibrado; desconfia de suas possibilidades luminosas e do auxílio espiritual. A vitória ou o fracasso serão criações suas.

Vibramos, oramos por Luís, na certeza de que Deus utilizará recursos por nós desconhecidos, para auxiliá-lo a vencer...

5 Elisa

Nasceu mimada e muito frágil. Não queria viver. Chorava dia e noite. Um longo tratamento foi iniciado; problemas vários foram detectados. Por várias vezes ficou entre a vida e a morte. Mas venceu e foi ficando mais forte.

Uma criança linda, os grandes olhos castanhos e um langor, uma melancolia que a envolviam, falavam de problemas espirituais.

Foi crescendo estudiosa e obediente. Parecia meio desligada do mundo nas atividades da vida diária, mas fazia tudo o que era preciso. Os pais preocupados a observavam nos períodos de desligamento, quando seus olhos se perdiam num horizonte imaginário.

Meio tímida, apresentava algumas dificuldades para fazer amizades.

Na escola era a melhor aluna e generosamente ensinava os colegas. Compreendia as lições com perfeição e começou a ser procurada por todos, embora a achassem meio esquisita.

Certamente teria um futuro brilhante, pensavam os pais. Com toda aquela inteligência e perseverança nos estudos!

Aos dezessete anos encontrou aquele que julgou ser o seu príncipe. Casaram e logo vieram os filhos; quatro.

A promessa de vitórias na horizontal falhou; era agora a mãe de família atarefada, lutando para equilibrar o orçamento doméstico.

A vida já era muito difícil quando o marido começou a beber. Agressivo, atormentava a mulher com suspeitas de infidelidade.

Gritos, choros, agressões. Ela, que deixara todos os sonhos de lado, pela família, apesar da força moral que possuía, entrou em depressão e o caos dominou o lar. Elisa parecia agora, uma grande boneca de trapos jogada chorosa na cama do casal.

A noite, deitava junto com as crianças, para evitar problemas maiores.

Todos os sonhos pareciam perdidos, a sua vida virara um inferno.

Os pais a levaram a tratamento médico e uma tia a tratamento espiritual.

Fascinada, nem piscava quando falavam naquele Jesus amoroso que prometera um desenvolvimento especial a todos que o seguissem. Escutava as palavras consoladoras, tomava o passe, passava pela desobsessão e os seus conceitos foram mudando.

O Consolador prometido iniciava a sua obra de libertação dos complexos de culpa do passado. Desejava agora, paz, tranquilidade; sabia que devia e podia ser feliz. O seu inconsciente reeducado passou a dominar e ela criava uma aura protetora a sua volta.

Orava muito e trabalhava. Começou a vender produtos de maquiagem e passou a se respeitar. A sua vida começou a mudar numa reconstrução inspirada pelos ensinamentos e exemplos de Jesus, que ela relia no *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, todos os dias.

O marido parecia um caso perdido. Ela o entregava todos os dias a Jesus. As várias desobsessões dedicadas a ele faziam com que ficasse menos agressivo, mas continuava a beber. Ela sabia que ele era dono de seu destino, mas que Deus Misericordioso encontraria recursos para libertá-la.

Certo dia ele não veio dormir em casa. Encontrara outra mulher que adorava beber e não o perturbava com a superioridade moral que ele sentia na esposa. Começou a dormir fora, até que um dia arrumou as malas e foi embora. Alívio geral. Alegria imensa. A casa ficou mais livre, todos sentiam o clima de libertação.

Elisa implantou mais intensamente o Evangelho no Lar, arrumou um emprego em uma loja e os pais vieram morar junto, para ajudá-la. Uma família feliz surgiu ali.

Reiniciou seus estudos e alguns anos mais tarde, dava aulas na Faculdade em que estudara.

Comparecia religiosamente ao Centro Espírita, trabalhando, dando passes, preparando pequenas aulas e auxiliando na desobsessão. Colaborava na Assistência Social distribuindo cestas básicas e fazendo enxovaisinhos para reencarnantes.

Os anos se passaram, os pais morreram felizes ao verificarem que a promessa era agora realidade. Amavam aquela filha que caminhara em um fio, prestes a cair na loucura ou em outras patologias, mas que encontrara nos ensinamentos de Jesus a força necessária para vencer a si mesma. No mundo espiritual continuavam a auxiliá-la e era comum Elisa acordar com a certeza de tê-los encontrado.

Envelheceu com dignidade.

O marido desencarnou cedo devido a bebida e Elisa amparava a viúva e os dois filhos que ele tivera, com amor, e providenciando muito do que eles necessitavam.

O marido veio pedir perdão, falando da posição difícil em que se encontrava e ela o convidou a refletir sobre a Parábola do Filho Pródigo. Falou da fé e da alegria. Chorando ele reconheceu que tivera nas mãos uma estrela e a abandonara por um reflexo ilusório visto no pântano das paixões inferiores da Terra. Ela o animou falando em reencarnação e recomeço. Ele partiu chorando e por séculos sentiria saudades daquela mulher especial, que agora atingira outras esferas vibratórias.

Elisa caminhava com dificuldade, sentia o peso da idade, mas o seu coração batia feliz ligado às luzes do Universo.

Começou a preparar os filhos para a sua partida. Foi muito difícil; eles não se conformavam em perdê-la. Adoravam a mãe.

Ela começava a se reeducar sabendo que não seria fácil deixar para trás tudo o que conquistara. Dividida entre a vontade de viver em um mundo mais tranquilo e o desejo de continuar a ser o esteio da família.

Passeava pelo jardim sabendo que a hora estava chegando, mas temendo a grande separação.

Os filhos a cobriam de carinhos, desejando que ela fosse a última a partir para o plano espiritual.

Certo dia ela acordou excepcionalmente cansada e forçou-se a ir tomar o remédio e um chá. Sentia que a hora da grande viagem havia chegado, mas desejava ficar na sua casa com os seus cães, plantas e filhos. O peso no coração aumentava e por um momento desejou ir a um hospital; talvez ficasse boa.

Tomou o chá e resolveu deitar mais um pouquinho. Acordou em mundo de luzes e cores, ouvindo uma música maravilhosa. Ouviu a prece dos filhos e lembrou que prometera acatar sempre a vontade de Deus. Olhou a família reunida, os cães que tanto amava e partiu sem olhar para trás. O que devia ser feito, seria...

Abraçada aos amigos espirituais, atravessou o espaço até se deterem em uma colônia espiritual próxima do planeta azul. Foi recebida como vencedora.

Dias de festa espiritual se passaram, de encontros e reencontros. Sentia saudades dos filhos, do Centro Espírita, de tudo. Mas reagia sabendo que a separação era breve.

Só muito tempo depois reencontrou aquele que fora seu marido e agora era um irmão querido. Chorando ele disse que estava de partida para a reencarnação e que temia falhar novamente. Pediu que ela orasse por ele, pois sabia que nessa encarnação não contaria com a sua presença luminosa. Fizera um longo tratamento para se libertar da bebida, mas temia tombar novamente devido aos condicionamentos do passado. Elisa prometeu ajudá-lo e o abraçou como a um filho querido.

Sentada no lindo jardim, rodeada de flores e pássaros, Elisa refletiu na bondade do Pai, desse Deus Magnífico que concede a cada um a possibilidade de construir o seu pensamento positivo, descobrindo, através de experiências, a importância de desenvolver as luzes interiores.

Olhando o céu cheio de estrelas pensou que nunca se sentira tão feliz. Estava apta para continuar o desenvolvimento pleno através de encarnações cada vez mais tranqüilas. Enquanto lágrimas de felicidade corriam pelo seu rosto, pensou: “Senhor, sei agora que me amas imensamente. Mas sei também que hoje, mais do que ontem, sou digna desse amor. Obrigada, meu Pai...”

6 Rebeca

Nasceu linda; por fora e por dentro.

Cresceu linda. Só por fora.

Filha única, neta única; sobrinha quase única.

Mimada.

Quarto cheio de brinquedos, sempre quebrados e renovados.

Armários cheios de roupas; desconsideradas, estragadas. Que loucura! Vinte crianças teriam brinquedos e roupas por um ano ou mais.

Uma babá orientada, ou melhor dizendo, desorientada para fazer tudo o que Rebeca quisesse.

Mãe, tia, avós, cozinheira. Um batalhão cuidando de Rebeca.

Linda; agora só por fora.

Desagradável, difícil, quase antipática.

“Que menina linda”, dizem todos; só por fora...

Dez anos. Grita, bate palmas, xinga. Cara de anjo, cabelo de anjo. Olhos maus. Boca de indivíduo necessitado, que recorre aos palavrões porque não compreende o diálogo esclarecedor.

Quinze anos. Sai batendo portas. Volta na hora que deseja. Não obedece ninguém. Não foi educada para obedecer. Não compreende os conceitos de mãe, pai, família, autoridade, amor, Deus, Jesus. Como diria Vygostyks, se não compreende os conceitos do cotidiano, como compreenderá os científicos?

Linda, linda! Só por fora. E quando está calada.

Dezessete anos; aparece grávida e não sabe quem é o pai da criança.

Grita, puxa os cabelos, xinga; a vida, a babá, os pais, a cozinheira.

Conselho de família. Pela primeira vez estudam o caso e não sabem analisar, resolver. Erram feio. Optam por um aborto. Pela primeira vez exigem. Ela não quer. Tem medo. Teme a dor, quer adiar o problema. Infelizmente ainda não é a conscientização da importância da maternidade, do respeito ao reencarnante.

É levada, anestesiada, arrancam a semente luminosa que poderia ajudá-la a crescer e jogam no lixo. Inconscientes; como poderiam explicar o sentido da vida a alguém, se eles próprios não se esforçaram para compreender?

Impedem a cura do espiritozinho necessitado que ia reencarnar. Impedem o amadurecimento de Rebeca. Impedem o próprio crescimento espiritual. São cruéis com o reencarnante, com Rebeca e mais ainda, com eles mesmos.

Rebeca, acorda vazia, apática, mais perdida do que antes.

O bebê é agora um vulto escuro, triste, grudado a Rebeca. Não sabe perdoar. Não entende bem como tudo aconteceu, mas sabe que foi expulso do útero da mãe, o único lugar que lhe dava um pouco de paz. Revoltado, impede o auxílio espiritual. Quer permanecer junto à mulher que ama, odiando. Problemas do passado; agora piorados no presente.

Pobre Rebeca. Não mais linda, nem por fora.

Atormentada. Angustiosa, inquieta. Vê sombras, ouve gargalhadas horríveis.

Amigos espirituais continuam esperando uma brecha para ajudá-la. Uma prece, um pedido de socorro, um gesto de amor.

Nada.

Na atual encarnação, Rebeca recebeu os estímulos necessários, para estabelecer ligação com as entidades luminosas que velam por nós. Pelo contrário, criou barreiras escuras que dificultam o auxílio.

Quanto tempo será necessário para que Rebeca consiga se reerguer espiritualmente? Meses? Anos? Séculos?

O suposto obsessivo, que é também o obsedado, está profundamente desequilibrado. Rebeca também. Gargalha às vezes, apertando o pescoço de Rebeca, que desmaia. Sofrem os dois. E os pais, avós, tios, amigos. Uma bomba armada por eles mesmos implodiu o lar.

Um círculo terrível de dor que poderia ter sido evitado através da educação de Rebeca.

A plantinha tenra necessitava de estímulos que permitissem o aflorar do conhecimento iniciado no mundo espiritual. A apresentação a Jesus. A educação através dos limites: o que pode e o que não pode.

A compreensão da finalidade da existência: aprender a amar o próximo como a nós mesmos. Um sim e um não na hora certa. Os limites baseados na razão. O amor expressado em amor e disciplina e Rebeca teria sido feliz. O espírito ligado a ela teria reencarnado na hora certa e outra teria sido a história de Rebeca.

Tudo se complicara para toda a equipe de reencarnantes. O desequilíbrio aumentara, o ódio crescera.

Quanto tempo seria necessário para que uma fase positiva se iniciasse!

Quanta dor, apenas porque não educaram uma pequena criança...

Lições tiradas da triste história de Rebeca

A menina cresceu sem limites, não aprendeu o que poderia ou não fazer.

Não apresentando limites, os pais deixaram o educando como que perdido em um corredor escuro, sem referencial, sem bússula. Como poderia um aviador realizar os seus vôos, sem uma noção do projeto que foi estabelecido?

Para a maioria dos indivíduos, o trabalho de que foi alvo no mundo espiritual, antes da reencarnação, só aflora quando os educadores criarem um ambiente propício através da disciplina, do amor, do estudo e prática da Verdade apresentada no tempo e no espaço por irmãos mais velhos e exemplificada por Jesus.

Quando estamos diante de uma criança, por muito amá-la, devemos lembrar que ela veio novamente à Terra pela necessidade de evolução e que a nossa tarefa é prepará-la para viver amando o próximo como a si mesma.

O querido André Luiz nos lembra isso no seu livro *Libertação*, quando explica que não podemos deseducar nossos filhos, criando-os como

se fossem bonecos que servissem apenas para a realização dos nossos caprichos. O Espiritismo nos lembra que pais e filhos devem aproveitar a vida, a cada encarnação, para desenvolverem as potencialidades luminosas.

Outro problema que exige reflexão no caso de Rebeca é o aborto provocado. Há uma tendência de culpar apenas a mulher, esquecidos de que em todos os casos de aborto há uma equipe de encarnados e desencarnados envolvidos. Se fosse bem educada, Rebeca esperaria o momento certo para ter o seu bebê. Se os pais entendessem a finalidade da existência saberiam que se ela estava grávida não poderiam desalojar o reencarnante e que deveriam permitir que ele renascesse evitando que ele se sentisse rejeitado, amargurado, abandonado. Muitas vezes, levados pelo orgulho e egoísmo, cometemos erros que prejudicam toda a equipe que veio à Terra para evoluir.

José Herculano Pires, meu pai, lembra-nos no seu *Revisão do Cristianismo*, que “não somos filhos do pecado e da dor”, mas filhos da Luz, “deuses e luzes”, como disse Jesus de Nazaré. Há que nos comportarmos com dignidade para nos respeitarmos e nos permitirmos a felicidade. Cada ato indigno provoca complexos de culpa, destrói a nossa auto-imagem e cria problemas que aumentam o nosso karma negativo.

Herculano lembra no seu livro *Concepção Existencial de Deus*, que o Pai não nos julga ou condena. E o Pai amoroso da “Parábola do Filho Pródigo”, que compreende a nossa fragilidade. Mas nós temos a Lei de Deus em nossa consciência e exigimos de nós um comportamento adequado a essa Lei. Sempre que contrariamos a Lei de Amor não nos perdoamos; inflexíveis, incapazes de amar e perdoar, exigimos para nós a pior pena. Mas Deus que nos ama e perdoa incondicionalmente, envolve-nos no seu amor e envia os seus mensageiros para nos auxiliarem. Os pensamentos positivos, o “amai ao próximo”, estabelecem a sintonia com os irmãos mais velhos que nos auxiliam a corrigirmos os erros através do trabalho em favor dos mais necessitados.

O aborto é grave, exatamente porque é fruto do egoísmo; pensando só nos problemas que a gravidez causaria, pretendem deletar o reencarnante como se ele fosse apenas um pedaço inconveniente de carne; mas ele é um ser vivo que pensa, sente, age. Muitas vezes ele foi trabalhado pelos irmãos mais velhos para perdoar.

Ah! Se realmente escolhêssemos o melhor para nós e nossa família outra seria a nossa história. Mas estamos aprendendo; o futuro será luminoso! Com Jesus!

7 Mariza

01a estava cansada. As pernas doloridas, um peso no peito, pontadas no joelho.

Olhou desanimada a rua empoeirada, o sol ardente, sabia que teria que enfrentar o calor, se desejasse sair.

Mergulhou a cabeça nas mãos e as lágrimas começaram a correr pelo rosto.

Por que tudo acontecera? Por que com ela? Sonhos desfeitos, traição, abandono, dor.

Em que momento o homem amado e amante a trocara por uma jovem que podia ser sua filha?

E como Deus, se é que existia, ousara levar seu filho embora? Por que o jovem bom e forte, que a amparava nas horas difíceis, partira levado pela leucemia?

A filha casara e fora morar em outro Estado; muito longe. Parece que fugia do lar que, outrora feliz, havia se transformado em um inferno.

Chorou revoltada e começou a sentir um grande mal-estar; febre, tremeadeira, sensação de cair num poço profundo Sentia pena de si mesma. Tudo se fora. Não mais valia a pena viver; boneca de porcelana, fora transformada pela vida, nua boneca de trapo, desajeitada, acabada.

Mergulhou no passado recente. Viu-se jovem, bela, amada feliz. A casa linda, empregados, carros, filhos amados, marido dedicado. Viu a sua imagem radiante no espelho, **cheia de jóias, pronta para comemorar os vinte anos de casamento.**

Depois, um sopro de desventuras abateu-se sobre eles.

O filho ficou doente e morreu.

A filha ficou grávida e casou às pressas com um jovem que ainda não tinha uma boa profissão; partiram em busca de condições melhores de vida.

O marido começou a enfrentar problemas econômicos; doente, abatido, procurou consolo e vida nova no ombro jovem da enfermeira que o atendia.

A casa foi vendida e um quarto, cozinha e banheiro, comprados para ela.

Venderam as jóias, os carros e até as roupas melhores.

De repente, viu-se sozinha, desesperada, amargurada, mergulhada no pântano profundo do desânimo.

Por que? Por que? O choro aumentava. Agora eram uivos terríveis.

Chorou até adormecer, profundamente cansada.

Se tivesse olhos para ver, sentiria um colo amigo amparando-a.

Viu-se em pé, amparada por uma linda senhora que a tratava com todo amor. Enxergou o seu corpo deitado e sentiu-se mais leve fora dele. Que estranho! Devia estar sonhando!

Foi levada a uma casa imensa e conduzida a um quarto cheio de aparelhos prateados. Colocada em uma maca, recebeu tratamento especial. Dormiu, agora medicada, tratada, descansando realmente.

Acordou com o sol forte do meio dia e pela primeira vez, após muitos anos de sofrimentos, sorriu. Uma força interior aquecia seu coração. A certeza de que tudo daria certo começou a envolvê-la.

Lembrou de uma amiga querida que a convidava para uma casa de oração e combinou, pelo telefone, irem à noite.

O tratamento que recebia enquanto dormia continuava; durante o dia, era tratada no Centro Espírita.

Teve a intuição de ir ao médico e começou a tomar vitaminas.

Graças ao tratamento e às palestras que ouvia acordada e dormindo, começou a compreender que só dependia dela melhorar o próprio estado.

Permitia agora o auxílio e começou a ter belas idéias. Na Casa Espírita, soube de um médico que precisava de uma senhora para auxiliá-lo e começou a trabalhar.

Ligou-se a Jesus e transformou-se em uma nova mulher.

Quantas vezes rira dos que oravam. Entendia agora. Jesus era um irmão mais velho que viera exemplificar como enfrentar os problemas difíceis sem se abater. Um grande filósofo que ensinara e ensina a arte de viver bem. Um Espírito que dissera: “Podeis fazer o que fiz e muito mais...” Não era um Deus, era como todos, um filho de Deus, um paranormal, no sentido de que utilizava suas potencialidades realizando o que para os menos avisados seria milagre.

Sabia agora, que, sendo o que pensamos, devia usar o pensamento positivo para vencer as suas dificuldades.

Começou a apagar as cicatrizes da alma, antes amargurada. Entendeu os porquês das suas dificuldades. Mas compreendeu também, que podia atenuá-las e até extingui-las através do trabalho iluminado pelo pensamento positivo.

Lendo *O Livro dos Espíritos*, compreendeu que o marido falhara; viera *Yreparado para a Vitória*, mas não permitiu que ela se realizasse. Ela também errara muito, vivendo egoísta e orgulhosa, fechada no “gueto” familiar, indiferente ao sofrimento até dos seus empregados. A filha precisava de ajuda, pois não aprendera a amar e praticamente a abandonara; mas será que ela soubera amar a filha? Errara muito. Agora acertaria. Atenuaria o karma negativo, destruiria as dificuldades legadas aos espíritos maiores que auxiliam a todos que o permitem.

Aprendeu lendo, meditando e praticando Kardec, que vários caminhos permitiam corrigir os erros do passado sem tanto sofrimento. Inconscientemente desejara se castigar e escolheu o caminho mais difícil; mas podia mudar; sempre é possível transformar dificuldades em facilidades. Faria dos erros alavancas para acertos futuros. Nunca mais, em nenhuma encarnação, se permitiria abandonar o auxílio poderoso dos

irmãos de outras dimensões.

Começou a andar ereta, feliz, sorridente. Era uma nova mulher, que criava uma nova vida.

Lia *O Evangelho Segundo o Espiritismo* todos os dias e procurava amar ao próximo como a si mesma.

A filha recebeu uma carta entusiasmada e veio visitá-la. Encantada, encontrou uma mãe alegre, que não conseguia deixar. Pediu para a mãe ir visitá-la e confessou que fugira porque não suportava tanta dor, um lar terrível no qual o seu se transformara. Foi com a mãe ao Centro Espírita e começou a se fortificar na compreensão do Consolador Prometido, o Espiritismo.

Um indivíduo que se modifica inicia um círculo de luzes que provocam mudanças infinitas...

Marisa foi e será sempre feliz...

©Marisa era contra Jesus. Achava que ele era usado pelos religiosos para a exploração das massas. Ficava espantada quando a sua tia espírita também se referia a Jesus com amor e certeza de que ele sempre auxilia aos que necessitam. Pensava na ocasião que achava estranho que os espíritas pensassem como os protestantes. Se pensassem isso, só confirmaria uma verdade; o caráter universal de uma Verdade, só a confirma. Mas estudando *A Gênese*, escrita por Kardec, compreendeu Jesus como o exemplo que devemos seguir. Entendeu que se estudamos os grandes filósofos, como Sócrates, Platão, Keerkegard, Descartes, Sartre e outros, como deixar de lado, por preconceitos tolos, o maior filósofo de todos os tempos?

Lendo *Jesus, milagres e profecias*, entendeu que tudo o que ele fez podemos fazer “e muito mais”, como ele disse.

Lendo os livros de Parapsicologia, como *Os canais ocultos da mente*, de Luisa Rhine, concluiu que Jesus foi o maior paranormal de todos os tempos. Ou, como explica *A Gênese*, nele o corpo energético, o perispírito, era da melhor qualidade, consequência da sua grandeza espiritual. Jesus, graças à irradiação do seu perispírito, via com olhos de ver, como diria Saint Exupery, ou como diriam os Rhines, percebia o mundo à sua volta, com percepções outras, além dos sentidos físicos. Agia sobre o próximo auxiliando-os na cura.

A russa Bárbara Ivanova, que não apresenta ainda a grandeza espiritual de Jesus, também realiza cura usando o pensamento positivo aliado ao “Cósmico”, como ela denomina Deus.

José Herculano Pires escreveu um belíssimo livro sobre Jesus, *Revisão do Cristianismo*, no qual mostra o seu amor a esse irmão mais velho e analisa como deturpamos a expressão luminosa de Jesus transformando-o em ídolo, mutilando a sua expressão, transformando as suas palavras em dogmas de fé. Criamos um Jesus tão estranho que até hoje, irmãos preconceituosos tentam tirá-lo da Doutrina Espírita, esquecidos de que *O Livro dos Espíritos* o apresenta como modelo de homem ideal.

Marisa entendeu que amar Jesus é amar um parente querido que pode nos auxiliar no crescimento espiritual.

Começou a compreender a prece como uma união telepática que permite a ligação com irmãos mais velhos e nos fortifica. Seria uma “ligação telefônica” para aqueles que podem nos auxiliar e consolar.

Kardec nos lembra que o fato de existir vinho azedo não impede a existência de vinho bom. O fato de não compreendermos Jesus, não impede que ele exista e nos auxilie. Dispensar a ajuda de irmãos mais velhos expressa a ignorância de adolescentes que tentam dispensar a ajuda dos pais, mas dependem deles até para comer o pão e dormir em uma casa. Dependemos uns dos outros queiramos ou não e seria uma pretensão achar que sobrevivemos sós. Do nascimento até a morte, vivemos em uma cadeia de auxílio, do nascimento até o enterro ou cremação do nosso corpo físico. Que pretensão pensar que não realizamos trocas telepáticas com seres de outras dimensões! Essas trocas devem ser relativamente conhecidas por nós e utilizadas para o nosso desenvolvimento espiritual.

Marisa colocou um retrato de Jesus no meio do retrato e o mais ma rejeitá-lo..

de seus familiares, entendendo, à luz do Espiritismo, que ele nosso irmão mais velho. Nunca Pelos frutos conhecemos a árvore...

8 Laíra

Bonita. Muito pequena. Mignon. Cabelo louro natural, ondulado. Olhos castanhos, escuros e brilhantes.

Em vidas passadas fora muito ferida e embora amada na atual, conservava a desconfiança daqueles que perderam a fé no ser humano.

Vaidosa, passava os dias cuidando do corpinho bonito. Cremes, exercícios, massagens, adorava o corpo. No passado cometera o mesmo erro, escravizando-se a uma matéria, importante como instrumento de trabalho, mas que visa permitir o desenvolvimento espiritual. Através de várias encarnações, cuidara mais do corpo do que do espírito.

Fútil, era incapaz de conscientemente, cometer maldades.

Passeava numa tarde ensolarada quando aconteceu o reencontro.

O jovem bronzeado, ao vê-la, falou entusiasmado:

- Mas que mulher linda! É a nora que mamãe deseja!

Ela voltou-se para olhá-lo e mergulhou, fascinada nos seus olhos verdes.

Ligação imediata. Sintonia que vinha dos séculos, embora nem sempre trazendo alegrias.

Colocou a mão miúda na grande mão morena e entregou seu coração e sua vida. Repetindo ainda erros do passado.

Dias de sol, alegria e amor; da parte dela; apesar das feridas que ainda trazia na alma, a rendição foi incondicional.

Para ele a mulher-menina era encantadora, mas não prioridade em sua vida. Estava se preparando para fazer mestrado na França e essa era a sua paixão.

Os dias se passavam e o casal continuava amando, ela profundamente, ele superficialmente.

Julio reconhecia que Zaíra falava alto ao seu coração, mas trouxera de vivências de outras encarnações, a idéia terrível de que uma mulher era antes de tudo uma fonte de prazer e de que ao longo da vida, várias fontes seriam encontradas. Sentia que Zaíra era especial e por isso mesmo, não se deixava envolver inteiramente.

Sabia que se mergulhasse nas ondas louras e nos olhos escuros estaria perdido. Sonhos, projetos, seriam jogados fora. Era um homem, era forte.

Quase uma ano se passara quando Zaíra, os olhos úmidos de emoção, veio dizer que estava grávida. Ele ficou horrorizado. A passagem para a França estava quase paga e tudo arrumado para a concretização de seus sonhos. Não, essa louca não atrapalharia a sua vida. Como ela não entendera que era um delicioso namoro sem maiores consequências? Por que não evitara a vinda dessa criança indesejada? Ah ! Espertinha! Queria fisgá-lo! Não conseguiria. Era livre e continuaria a ser.

Em alguns segundos o egoísmo falou mais alto, tirou a moça do seu coração, atirou-a ao chão e pisoteou como se ela fosse inseto asqueroso.

Disseque ela sabia dos seus projetos nos quais não cabiam mulher e filho. Esmagou-a com arrogância dizendo que só na cabecinha vazia dela não existiam planos melhores, senão o de ter filhos. Que ela ainda era uma mulher da Idade Média, que julgava valer, só se parisse.

Zaíra sentou-se no chão, muda. A dor foi tão forte que ela perdeu a voz. Queria falar, defender-se, mas não conseguia; queria lembrar que ele também era responsável pelo bebê e que ela não poderia fazer sozinha. Que tomava a pílula, mas que falhara. Muda, pálida, ouviu calada as maiores ofensas. Morria ali a noiva meiga e nascia outra mulher. Passado e presente se uniam fazendo com que a jovem desejasse vingança.

Ele foi embora, esbravejando. Ela permaneceu horas sentada no chão, olhando o vazio.

Só pela manhã conseguiu ir para a cama e chorou amargamente. Chorou revoltada e estabeleceu ligações terríveis com outros indivíduos revoltados e resolveu tirar o filho que o ingrato auxiliara a plantar no ventre jovem.

Zaíra fez força para comer um pedaço de pão, tomou um copo de leite, avisou no trabalho que não poderia ir naquele dia e foi para a rua

procurar alguém que a livrasse da criança que considerava agora um fardo.

Não sabia como procurar ou em quem confiar e voltou desesperada para casa. Deitou encolhida na cama esperando um milagre; que o homem amado telefonasse pedindo desculpas e prometendo auxiliá-la na criação do filho.

No dia seguinte resolveu trabalhar esperando encontrar entre as colegas o endereço de alguém que a libertasse do sofrimento.

No passado fracassara em situação semelhante. Amigos espirituais a envolviam pedindo que se acalmasse porque não estava só. Que tivesse o filho e mais tarde teria a recompensa de ter ao lado um grande amigo. Sacudiu a cabeça teimosa e disse não. Virou as costas ao auxílio. Por que só ela devia sofrer enquanto ele permanecia no bem-bom, viajando? Onde estava Deus quando permitiu que a cruz da gravidez tombasse apenas sobre a mulher? Como pudera se enganar, julgando haver encontrado um companheiro, quando estava na frente de um animal irresponsável que a abandonava numa hora de dor?

Tentou falar várias vezes com o namorado para dizer que desistia do casamento. Que não desejava mais casar nem impedi-lo de viajar, mas apenas auxílio para ter o filho. Ele não atendeu ao telefone, mandou dizer que viajara.

Depois de mais um dia terrível, Zaíra adormeceu pensando na avó que tanto a amara e que agora, morta, não poderia ajudar.

Mas a avó não morrera, estava em outra dimensão apenas e acompanhava a luta de Zaíra tentando auxiliar. A ligação mental possibilitou a interferência e Zaíra reencontrou a avó. O tratamento foi iniciado e após várias noites, Zaíra teve novamente acesso ao passado. Reviu o filme que a mostrava bela, inconseqüente e cruel em uma encarnação anterior. Os homens eram por ela explorados e Júlio fora uma dos castigados; abandonado e ferido jurou nunca mais amar realmente alguém. Zaíra reviu os abortos cometidos e chorou. Acordou melancólica mas forte, com a certeza de que teria sozinha o filho. Sentiu-o no ventre e uma ternura imensa a invadiu. O reencarnante retribuiu com pensamentos de ternura e e promessas de não desampará-la. Os pensamentos ligavam os dois que se fortificavam na troca harmoniosa. A avó, sorridente, acompanhava o diálogo e os envolvia em muita luz.

A partir desses dias, Zaíra enfrentou com serenidade a nova situação.

Meses passaram e Zaíra foi para a maternidade abraçada à avó e assistida por um conjunto de luzes. Os amigos espirituais sorriam, felizes. Quem tivesse olhos de ver ficaria fascinado com a assistência à moça. O bebê nasceu e foi envolvido espiritualmente em um cobertor luminoso. Zaíra também era alvo de atenção especial do plano espiritual. Para os desavisados era uma pobre mãe solteira abandonada pelo noivo; para o plano espiritual superior era um espírito vitorioso que, se cometera o erro da imprevidência, conseguia a redenção através da aceitação das dificuldades e da coragem ao assumir o filho que já amava. Era um amigo espiritual de Zaíra que voltava, como prometera, para auxiliá-la. Pretendia o apoio de um braço forte para renascer. Mas as coisas tomaram um outro rumo e ele não podia abandonar a amiga em uma hora difícil e especial.

Os anos se passaram. A menina linda era agora uma mulher bela e madura, um pouco melancólica e que não mais se deixara envolver pelo amor. Temia a entrega, desconfiava dos que se interessavam por ela.

O filho era agora um homem trabalhador e estudioso que amava a mãe e reconhecia o seu valor. Tratava-a com toda a atenção e era comum vê-los indo ao cinema. Crescendo, exigira do pai uma pensão que viera possibilitar a Zaíra um descanso. O pai não quis vê-lo, mas foi obrigado a dar uma pensão. Zaíra encontrava no sorriso do grande amigo a alegria perdida. Ria muito e agradecia a Deus o espírito maravilhoso que aportara no seu lar. Sentia a presença da avó e de vários amigos espirituais. Auxiliava crianças e mães de uma favela e a sua palavra inspirada e sincera, conseguia curar chagas ocultas no coração de homens e mulheres que sofriam pelo desamor da Terra.

O filho casou, os netos vieram e chegou a hora da partida. Zaíra tentou negociar com o plano espiritual, pois desejava ficar mais alguns anos encarnada. Os amigos espirituais riram e foram doutrinado Zaíra para que ela partisse com alegria.

O grande dia chegou e o plano espiritual enfeitou a casa com flores. Luzes, alegria, espera. Zaíra caminhava desconfiada e resolveu sentar para ver televisão. Sentiu algo diferente à sua volta, mas não conseguia discernir o que era. Cochilou e reencontrou a avó e tantos amigos que compreendeu então, que, para o espírito justo e corajoso, a morte é realmente uma bela viagem. Desejou explicar para o filho, a nora e os netos a grande verdade, mas, envolvida pelos amigos espirituais, foi saindo levada rumo às estréias. Uma felicidade imensa a envolveu. Nessa hora ainda lembrou do homem, que lhe dera o filho adorado mas que também a fizera sofrer demais. Imediatamente viu-o velho, deprimido, cansado, uma nuvem escura o envolvendo. Enviou um pensamento de ternura e partiu feliz, sem olhar para trás. Primeiro ficaria forte e depois auxiliaria a todos que necessitassem...

9 Magda

Encantadora. Seis anos. Morena, cabelos crespos, olhos vivos. Observa tudo. Manipula a família. Sabe como agir com cada um.

Usa o pai com uma voz meiga, macia, muito agradável, parece uma avezinha desprotegida.

Com a mãe é tirana. Usa um tom agudo de mando, exigência. Bate os pés, grita, e é obedecida.

Com os avós vira bebê; depende deles para tudo. Enrola-se no sofá. Dorme fácil com carinho de anjo. Fala errado, comovendo-os. Uma tirana adocicada.

Com os irmãos, quando ninguém observa, age de igual para igual. Puxa os cabelos, belisca, ameaça. Se aparece um adulto ela volta a ser santa; os irmãos ficam mal. Como brigam com uma boa e encantadora criança?

Perde o controle quando é contrariada. É o bebê da casa.

Sabe fingir não ter fome, deixando todos aflitos. Finge dor de cabeça, dor de barriga, conforme as circunstâncias. Domina com o riso fácil, a alegria ou o fingimento.

Belisca outras crianças e com a carinho inocente, diz que eles é que bateram.

Anjo ou demônio? Difícil saber. Todos acham graça e até os irmãos perdoam as suas maldades.

Vai crescendo, dominando, mandando, livre como um poltro selvagem. Não é educada. Pensam que o fato de ir desenvolvendo os defeitos não tem importância alguma.

Esquecem que é um indivíduo especial que veio à Terra para evoluir.

Na escola sofre muito. É rebelde. As reclamações são constantes. A família culpa as outras crianças e os professores, pelos problemas de Magda.

Adolescente, é intragável. A família ainda sorri perante os seus desmandos. Sorri amarelo....

Na escola vai sentar-se no “fundão”, entre os rebeldes. Continua a não aceitar disciplina. Não aceita frustrações, não treinou para...

Repete de ano, apesar da inteligência privilegiada. O emocional é terrível. Ou como diria Daniel Golleman, o QI é dez, o emocional é zero.

A vida nos frustra tantas vezes, é preciso aprender a suportar e resolver os problemas comuns a todo o ser vivo. Magda não aprendeu...

Demora, mas a família conclui que criou um elemento muito difícil.

Um dragão incontrolável, que solta fogo das ventas e espalha dor. Não pode ser contrariada. Não sabe ser disciplinada.

Os colegas amadurecem. Os vizinhos amadureceram. Magda continua um bebê no campo das emoções.

Os maduros não a querem como amiga.

Encontra companhia entre os necessitados, aves frágeis, desequilibrados emocionais.

Entra em um caminho triste, escuro, o caminho das drogas.

Só quando Magda está muito mal é que a família percebe que está com muitos problemas.

A reeducação é tentada. Com muitas dificuldades e muitos anos de atraso. Sofrimento para todos. É preciso destruir o desequilibrado e construir o indivíduo de bem, o homem de bem apresentado no *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Terapias, remédios, desobsessão, internação em Clínica Especializada.

Dor, dor, dor.

Aprender a sofrer frustrações; a resolver problemas; a aceitar desafios. Aguentar, ser contrariado.

Todos crescem enfrentando problemas fáceis ou difíceis.

Mas que dor Magda e os familiares tiveram que enfrentar!

Quanta dor! E desnecessária.!

Aos trinta e dois anos, Magda conseguiu sair do corredor escuro. O rosto está cheio de vincos, abatido, cansado. O cérebro lesado por produtos químicos terríveis. O andar é pesado. A depressão continua.

Barco à deriva, aporta em uma Casa Espírita, agora com fé e desejo de crescer espiritualmente.

Vai reiniciar os estudos, a vida, as amizades. Começar de novo.

A família a olha com desconfiança.

Os amigos espirituais a envolvem amorosamente.

Auxiliarão a jovem para que vença suas dificuldades.

Dor, muita dor...

Quantos sofrimentos poderiam ser evitados!

Educar é desenvolver potencialidades.

Magda foi *Preparada para a Vitória* no plano espiritual. A família a recebeu como se fosse uma linda boneca de carne. Não viram no rostinho do bebê o ser que veio à Terra, da necessidade de transcendência

Dor que podia ser evitada. Vitória adiada. Que pena!!!

10 Dilma e Gabriel

Alta, magra, ruiva. Olhos verdes incríveis, belíssimos; mas um brilho de angústia fala de graves problemas vivenciais.

Dilma vivia com um marido relativamente bem; uma filha auxiliava o ambiente do lar. Mas Dilma não conseguia ser feliz.

A situação econômica era estável, a vida poderia ser tranqüila, mas um fogo interior a consome, a cabeça parece um vulcão, mil pensamentos ficam martelando, rodando, formando um furacão que a enlouquece.

Resolve ficar grávida e recebe nos braços um casal de gêmeos. O furacão externo como que ameniza o interno. O corpo roda no meio de troca de fraldas e mamadeiras e a cabeça quase se acalma.

Mas os bebês começam a dar menos trabalho e dias piores se iniciam. Dilma não recorre aos benefícios da oração. Não sabe selecionar pensamentos nem pedir a Deus pelos que a perturbam. A sintonia mental de Dilma é desastrosa. O pensamento parte truncado, angustiado, amedrontado, e se une a mentes encarnadas e desencarnadas igualmente necessitadas. Ah! Se Dilma orasse, a ligação seria com o equilíbrio, a paz.

Dilma vai piorando. Certo dia acorda mal, muito mal. Precisa sair, andar, aliviar a cabeça. Coloca os bebês no carrinho e sai feito louca, andando rápido e falando sozinha. Está praticamente correndo, quando o carrinho vira e os bebês são jogados a longa distância. A menina morre imediatamente e o menino fratura o crânio, lesa gravemente o cérebro, terá problemas para sempre.

O marido chora muito e resolve não mais suportar a irresponsabilidade da mulher. Arruma as malas e vai embora. Meses mais tarde a filha o segue. Os dois viajam para longe e iniciam uma nova vida. O pai casa novamente e passa a ser feliz. A filha segue o exemplo do pai. No começo telefonam para Dilma, mas depois começam a esquecê-la.

O menino cresce com problemas muito difíceis. Não para sentado, só quer andar, andar, e só dorme dopado por calmantes.

Dilma continua angustiada, os olhos com brilho de febre, as mãos inquietas, o corpo magro e outrora bem feito, agora curvados tristemente sobre a terra. Envelheceu rapidamente e só os olhos são belos. Destoam daquele rosto marcado.

Certo dia, Dilma, mais desequilibrada do que nunca, caminha arrastando o filho e às vezes carregando-o como uma trouxa de roupa, é levada pelos amigos espirituais até uma Casa Espírita, na qual os dirigentes se comportavam realmente como seguidores de Jesus. Atira o fardo no chão, deita no piso frio e chora inconsolável. Acolhida com amor percebem que o caso é muito grave e conseguem levá-la a tratamento em um hospital espírita. O filho é levado para uma instituição que trata crianças especiais. Meses se passam até que Dilma obtenha alta. Volta à Casa Espírita e permitem que ela fique morando em um quartinho dos fundos. O filho volta para a companhia de Dilma.

Dilma se sente como se fosse um indivíduo perdido no deserto, faminto e sedento que chega a um oásis maravilhoso. Inicia uma nova vida. Não quer mais morar na casa antiga. Aluga a pequena casa e começa a viver no Centro Espírita. Vultos escuros que envolviam mãe e filho vão sendo libertados pelos amigos espirituais e uma nova vida se inicia para todos. Frequentam a Casa Espírita, ouvem as palavras amorosas dos expositores, e a vibração especial daqueles indivíduos que seguiam o exemplo de Jesus age sobre aqueles espíritos doentes, iniciando o alívio e preparando a cura.

A cabeça de Dilma está calma, o vulcão desapareceu. O filho melhorou e já fica brincando, permitindo a Dilma a realização das tarefas domésticas. Varre o Centro Espírita, rega as plantas. Não gosta de sair porque entre as paredes da casa, sente proteção e amor. Ela e o filho, feridos na guerra do desequilíbrio das paixões inferiores, começam a permitir a cicatrização das chagas, através da modificação interior.

O marido e a filha vêm visitá-la e ficam felizes ao verificar a grande modificação. Uma nova vida, como se fosse uma nova encarnação.

Dilma reaprende a sorrir e pela primeira vez em muitos séculos é realmente feliz...

Dificuldades de Dilma

Por que Dilma criou tantas dificuldades e, *Preparada para a Vitória*, quase que a impediu?

O Livro dos Espíritos explica que analisando as tendências, podemos saber o que o indivíduo foi e fez no passado.

Pelo modo de ser de Dilma, o andar, o olhar, as roupas, pensamos que fosse bela, poderosa, irresponsável. Jogava tudo para o ar por uma nova paixão. Traiu, lesou, feriu. Foi cruel; quando o companheiro não a interessava mais, descartava-o como uma peça inútil. Causou desequilíbrio nos outros e em si mesma; foi a sua maior vítima. O choro que tantas vezes provocara, afetava-a, angustiava, provocava inquietação e medo. Sabia que agira errado e temia as consequências. Os pensamentos desarmônicos permitiam a aproximação dos desafetos de outrora, que não conseguiam perdô-la. Seu inconsciente arrastava-a para o desequilíbrio, fruto da sua consciência desarmonizada com a Lei do Amor.

A filha e o marido vieram para auxiliá-la e fizeram o que podiam dentro do limite das suas necessidades.

Os gêmeos eram desafetos que retomavam para receber o amor que lhes fora negado. A menina perdoara Dilma e partira para as colônias espirituais.

O menino permanecia ao lado de Dilma, como que cobrando por todos os erros que cometera. Ela mesma era um grande infrator do “Amai ao próximo como a si mesmo...”

Dilma finalmente conseguira amenizar as suas dificuldades e as do filho. Na nova vida que começava, corrigiria os erros através do amor aos mais necessitados.

Pela primeira vez em várias encarnações, iniciou o desenvolvimento do controle das paixões inferiores, da capacidade de amar realmente o próximo, de respeitar a dor de seus irmãos. Começava a crescer espiritualmente. E, mais importante, através do pensamento modificado, induzia um grande número de indivíduos a ela ligados ao desenvolvimento espiritual.

Dilma, atenuando o karma negativo, começava a ser feliz.

Gabriel – o passado

Alto e belo. Poderoso e cruel

Inteligente, mas não tanto que compreendesse a importância de ser bom; não compreendeu que só praticando o amor ao próximo seremos felizes.

Gabriel ouviu dizer que amigos próximos conspiravam contra ele. Pensou, pensou, e resolveu que os castigaria de forma exemplar. Preparou uma armadilha e convidou-os para um banquete. Riram, brincaram, comeram deliciosas iguarias; o gato brincava com os ratos. Gabriel imaginava o sofrimento que imporá àqueles que considerava agora seus adversários e sorria. Quando os suspeitos da traição estavam sonolentos, Gabriel saiu com os que ainda considerava amigos, fecharam as portas e a tortura começou. O óleo fervente caiu sobre os convidados provocando morte dolorosa. Feliz, observou o resultado, considerando quão esperto era; pobre tolo que espalhava sementes de sofrimento para ele mesmo.

As vítimas da loucura de Gabriel foram tratadas durante muito tempo no mundo espiritual e poucos conseguiram perdô-lo.

Gabriel viveu muitos anos continuando suas maldades. Sombras escuras o observavam e atormentavam.

Após alguns anos Gabriel desencarnou em meio a sofrimentos atrozes, que continuariam no plano espiritual.

Renasceu com muitos problemas, não por castigo, mas

69

Preparados para a Vitória porque o seu desequilíbrio só podia atrair desarmonia e dor.

Nessa encarnação a vida fora curta e com muitos sofrimentos.

No plano espiritual continuou unido a um grupo de desequilibrados, expressando-se como terrível obsessivo.

Aos poucos a sua forma humana como que desmoronou e Gabriel parecia mais um monstro do que um homem.

Mas naquele coração aparentemente endurecido a marca de Deus continuava a brilhar, exigindo modificação.

Quando permitiu, foi recolhido aos hospitais das regiões de necessidade e levado a um longo tratamento. Conseguiu grande melhora, mas algo como que se quebrara na sua capacidade de raciocinar, porque andava de um lado para o outro, como fera enjaulada, perdida, procurando algo que não sabia o que era.

Irmãos maiores que o amavam fizeram uma reunião para verificarem como poderiam ajudá-lo. Dilma compareceu chorosa, compreendendo que também era responsável por tanto desequilíbrio.

Como, apesar de todo tratamento, ele parecia alheio ao lugar aonde se encontrava? como as crises de tentativa de fuga continuavam, resolveram que só o reencarne poderia trazer um pouco de paz àquele espírito através da bênção do esquecimento. Claro que desequilibrado atrairia a pior carga genética para a sua reencarnação. Mas só a reencarnação podia agir como um alambicque, como diz *A Gênese*, segurando as impurezas da carne.

Chovia muito quando Gabriel renasceu. O parto foi complicado; Daniel custou a chorar, ao contrário da irmã gêmea, que reencarnou em boas condições. Após os nascimentos Dilma chorava sem saber porque e entrou em um terrível processo de depressão.

Quando os gêmeos foram derrubados por Dilma, só Gabriel sobreviveu, mas as seqüelas da queda o acompanhariam por toda essa encarnação. Gabriel custou a andar e só conseguia entortando o corpo para o chão, caminhando como um irracional em fuga. Não parava quieto; bufava, soprava, agitava os braços e só então, caía sonolento para despertar minutos depois, novamente alucinado. Procurava portas ou janelas abertas tentando sempre fugir sem saber do que, ou porque.

Dilma ficava irritada e à noite pensava como seria bom se ele morresse; depois batia na cabeça julgando que era muito má e que Deus iria castigá-la.

Mas um dia, foram conduzidos por amigos espirituais até o Centro Espírita e a grande mudança teve início. A luz da paz começou a inundar a vida dos dois. Dilma, embora estivesse com apenas quarenta anos, era uma mulher envelhecida, com o rosto cheio de vincos. Mas os olhos começavam a brilhar, com a serenidade daqueles que reencontravam a esperança.

O sol brilhava novamente para Dilma e Gabriel. Uma nova vida se iniciava, plena de Paz, Amor e Luz. Mãe e filho caminhavam de mãos dadas, os olhos mergulhados no azul sereno do céu. Séculos de trevas estavam sendo dissolvidos pela luz do Amor de Jesus de Nazaré...

11 O poderoso que sofria pela rejeição

A revista Seleções apresenta o depoimento de um chefe de polícia de Nova York, que sofre pelo abandono da mãe: Bernard Kerik.

O depoimento faz com que reflitamos sobre a responsabilidade dos pais. Aos quarenta e um anos, Bernard acordava no meio da noite suando e chorando, sonhando que estava em uma casa tentando dormir e gritando pela mãe que não vem. Até seis anos de idade, permanece ali, cuidado por uma senhora que é mãe de um dos namorados da mãe, um jovem drogado e violento. Como a mãe o abandona, o tio materno telefona para o pai, que vai buscá-lo e o educa. Bernard felizmente veio da família espiritual do pai. E trabalhador, correto, sonha com um mundo justo. O sonho continua a persegui-lo e ele escreve:

“As lembranças claras de um menino abandonado, de um filho perdido esperando o retorno da mãe. E o meu maior mistério, um vazio no âmago de mim mesmo.”

Quando atinge o ápice da carreira policial, resolve continuar a procura da mãe.

Dois detetives trabalham no caso e descobrem que Patrícia, a mãe, apresenta uma extensa ficha policial, usa vários nomes, é presa por prostituição e tráfico de escravas brancas. Foi assassinada e o crime ficou sem solução; era apenas mais uma prostituta morta de forma violenta. Bernard descobre que os suspeitos morreram e que a mãe está enterrada com o

Heloisa Pires

sobrenome do principal suspeito, um namorado violento que tivera quando Bernard ainda morava com ela. A mãe escura que o cobria no sonho, era a da mãe do do namorado, uma senhora negra e bondosa que tomava conta de várias crianças durante o dia; a noite, o menino ficava sozinho com as suas lembranças. Bernard muda o nome da placa do cemitério colocando o nome do pai, “o único homem decente que minha mãe teve e com o qual casou.” Bernard chora diante da sepultura e diz para a mãe que só então entende porque ela o abandonara; criada em uma família desestruturada, com vários irmãos drogados, não tinha condições emocionais para cuidar do filho ou se cuidar.

Fala para a mãe:

“Quero dizer que agora entendo porque não estava lá comigo, porque nunca voltava. Quero dizer que agora tudo está bem. E quero que me olhe e veja o homem que me tomei, que sinta orgulho de mim.

Durante quarenta e um anos fui perseguido pelo sonho do menino abandonado. Agora sei os motivos. E pela primeira vez, posso dizer à minha mãe: eu entendo e perdoo você.”

O homem criança - Bernard

Como a criança sefreu, com o abandono da mãe...

Como o poderoso policial carregava o coração ferido pela rejeição, sofrendo anos e anos com o mesmo pesadelo.

O que seria de Bernard se não permitisse que as luzes que possuía no seu interior, se a marca de Deus não brilhasse em seu coração?

O que seria de Bernard se o pai não o acolhesse?

Como seria mais fácil a vida do menino se a mãe conseguisse levá-lo até o pai, explicando que o amava tanto, que reconhecia que viver com o pai era melhor para ele.

Mais fácil seria a reencarnação de Bernard se ela fosse vê-lo às vezes, dizendo quanto o amava e como sofria com a separação. Infelizmente a mulher era apenas uma criança desajustada, incapaz de pensar na necessidade do filho. Era tão necessitada, que foi a sua maior vítima. Casada com “um homem decente”, como diz Bernard, saiu em busca do desequilíbrio, encontrando a morte violenta nas mãos de outro desequilibrado.

Felizmente nunca estamos sós e Bernard encontrou na esposa, na nova família que formou, na profissão que lhe possibilitou sentir-se vencedor, no amparo do pai e da madrastra, as forças para vencer.

O fruto amargo da rejeição continuou a incomodá-lo até que, sabendo direito a história da mãe, consegue imaginar a extensão do seu desequilíbrio e perdôá-la.

A mãe era também o resultado de um lar desequilibrado que gerara filhos bêbados, drogados.

Um círculo vicioso se formara, mas Bernard o destruiu com a força da sua retidão moral e o desejo de justiça.

Provavelmente mais tarde, muito mais tarde, se Bernard desejasse, poderia permitir a vinda do espírito materno necessitado para o seu lar. De qualquer forma o perdão já a atingira e onde quer que ela estivesse, o receberia como um jato de luz que lhe daria conforto e possibilitaria a atuação dos espíritos que velam pelos espíritos doentes.

Como a história daquela mãe se complicaria se o seu gesto egoísta, se o seu desatino, resultasse no fracasso do filho ! Tanto quanto Bernard, ela também fora *Preparada para a Vitória* e estava apta para conseguí-la. Faltou vontade; sobraram apegos aos prazeres efêmeros, aos vícios do passado. Faltaram oração, ligação com Jesus, pensar no próximo e fazer ao filho o melhor, que ela sabia, que era entregá-lo ao pai.

Bernard ainda sente pena da mãe quando descobre toda a história, achando que se permanecesse com ela poderia ajudá-la. Talvez, ele é que se deixasse envolver pelo desequilíbrio.

Durante toda a vida de Bernard o auxílio de Deus se fez presente, mas o seu livre arbítrio foi respeitado. E por livre escolha, perdoa a mãe e a envolve em pensamentos amorosos.

Um espírito forte, que enfrenta uma prova difícil e vence esplendidamente.

Bernard não fala em religião; não explica como conseguiu permanecer na luz quando tantos outros, em provas até mais fáceis, tombaram nas trevas. Mas a luz que ele possuía e que aparece na facilidade com que perdoa a mãe, estabelece o vínculo precioso com os espíritos melhores.

Gostaríamos de mais informações sobre o pai e a madrastra de Bernard, mas sabemos que a força maior veio do plano espiritual; que ninguém está só na Terra, que um exército

Preparados para a Vitória luminoso de parentes e amigos espirituais, de encarnados e desencarnados velam cada indivíduo em evolução. Sabemos ainda que, se todos são *Preparados para a vitória*, querer é poder e todos podemos alcançar a vitória desejada.

A parte mais emocionante da história é quando, depois de muito procurar, Bernard chega ao túmulo da mãe e conversa com ela, dizendo que a compreendeu e a perdoa. Jesus nos lembra, que se amarmos só os que nos amam, não teremos merecimento algum, porque os “pecadores”, os necessitados, amam os que os amam. Bernard amou a mãe que o abandonara porque entendeu que tão mergulhada ela estava nos vícios, que não podia enxergar o que era bom para ela e para o filho. A cegueira, fruto da ignorância, atenuava os seus erros.

Como seria para o espírito que tanto errara como esposa, abandonando o marido e partindo em busca de uma ilusão; como mãe abandonando o filho em mãos desconhecidas e partindo para satisfazer o seu egoísmo; como ser humano trabalhando no tráfico de escravas sexuais e entregando-se a todos os vícios, esquecida da criança que abandonara; verificar que o filho mal amado, que o filho rejeitado pensara nela a vida toda, desejando o seu amor e a sua aprovação para a vida correta que levava

Yvonne Pereira fala do arrependimento pelos erros cometidos e da dor que sentiu quando se conscientizou do sofrimento provocado na sua família espiritual. Sofreu por várias encarnações, incapaz de se perdoar. Só após encarnações dedicadas ao auxílio aos semelhantes é que se sentiu quite com a justiça divina e começa a reencarnar em melhores condições.

Que tipo de encarnações a pobre mãe de Bernard exigirá para si mesma até conseguir se perdoar?

Ela, que teve as melhores oportunidades, encontrou até um homem honesto que a amava; deu à luz um filho que Heloisa Pires provavelmente era um espírito amigo que a amou a vida toda; troca tudo pela ilusão das drogas e do dinheiro fácil e constrói, nessa encarnação, a sua morte violenta, provavelmente pelas mãos do desequilibrado que substituiu o marido que a amava.

Como a leitura das palavras de Jesus poderiam tê-la auxiliado ! Ainda, a desobsessão, a prática da caridade, a ligação com o plano espiritual superior.

Preparada para a Vitória, poderia tê-la obtido com o auxílio do *orai e vigiai* de Jesus.

Oremos, façamos a caridade, vigiemos nossos pensamentos e ações para obtermos a vitória, a felicidade na Terra ou em qualquer ponto do Universo infinito...

12 Kelvin, um monstro ?

criado com amor. Um belo menino. Amor cego, que é igual a desamor. Todas as vontades satisfeitas. Nada de disciplina. Nenhuma frustração. Winicot já explica o perigo de não aprendermos a lidar com frustrações. A família que lia tudo, jamais se interessou em ler livros que ensinassem a importância de educarmos bem os filhos. Na estante, livros sobre economia, biografias, importância de preservação ao meio ambiente e romances, muitos romances. Nenhum livro de Psicologia, nenhum livro sobre Educação. E amavam o menino. A moda deles.

Cresceu como um potrinho gordo, com todas as vontades satisfeitas. Quando mais precisava da mãe, na adolescência, ela resolveu assumir mais dois empregos, em nome da realização profissional. E a realização de mãe, onde ficaria? Jogou no lixo. O menino, mal educado, ficou sozinho e arrumou péssimos amigos entre os drogados do bairro. Admitamos até que ele renascera com tendências menos agradáveis. Mas será que uma educação correta, a apresentação de Jesus, o Evangelho no Lar, não melhorariam e até extinguiriam o problema? E claro. Mas tratavam o menino como se ele fosse um belo e querido cachorrinho; pouco tempo para o diálogo, afagos rápidos na cabeça e muitos presentes substituindo o diálogo e o amor. Nada de prece, nunca convite aos bons pensamentos.

Os anos se passaram. A mãe e o pai brilhavam intensamente na vida profissional. A família era inexistente; formavam apenas um grupo de espíritos vivendo na mesma casa. Interessante que nunca oravam; não pediam, não agradeciam, não vibravam pelos necessitados. Pior ainda, não viam que Kelvin vivia drogado.

Amigos espirituais tentavam ajudá-los, mas havia a barreira da indiferença impedindo auxílio maior.

Kelvin vivia ligado a figuras confusas. Perdido nas lembranças do passado. Certo dia, acordou pior do que nunca. Caminhava abraçado a dois Espíritos terríveis com os quais cometera erros em uma encarnação passada. Cantavam unidos como se fossem novamente guerreiros cruéis. Saíram para a rua e Kelvin, com o revólver do pai, louco, perturbado pelas drogas e sem a defesa espiritual que conseguiria pela prece, praticou um assassinato. Desespero, dor, sofrimento. Só então os pais lembraram realmente do filho. Mas horrorizados, não estavam preparados para enfrentarem o necessitado que haviam criado. Fugiram, abandonaram o menino nas mãos de advogados.

Kelvin hoje parece um velho desarvorado pela depressão. Caminha arrastando os pés, imune a todos os tratamentos. Os pais não querem vê-lo. Dizem que ele tinha tudo e não podia lhes dar tantos desgostos.

Amigos espirituais velam por Kelvin e enxugam as lágrimas que ele derrama enquanto dorme. Abraçam-no com ternura e ele dorme como criança espiritual que é, entre os braços que tentam suprir a falta da mãe.

A avó, desencarnada, é quem mais ajuda. As vezes sacode a cabeça desconsolada, sabendo das dificuldades que os seus queridos enfrentarão na próxima encarnação. Recita para ela mesma o Salmo 23, sacode as tristezas para longe e abraça o neto necessitado, tentando colocar as estrelas da esperança em sua alma ferida.

Quanto sofrimento seria evitado se educassem o menino se conversassem com ele, se o apresentassem a Jesus. Como o indivíduo da Terra complica a sua vida!

Educação de Kelvin

Olhando o velho acabado, apesar de ter apenas quarenta anos no qual Kelvin se transformou, vendo aquele indivíduo arrastar os pés cominhando como uma lagarta que se arrasta com dificuldade no barro da terra, vendo as mãos negras e flácidas enxugando os olhos amarelados, perguntamos se outra poderia ser a história de Kelvin. Poderia e deveria. Ele foi *Preparado para a Vitória* e tinha tudo para obtê-la. O que faltou?

a) Pais de verdade; teve amigos mal orientados.

b) Limites: saber o que podia e o que não podia fazer, independente do humor dos pais. Disciplina, amor ao próximo, respeito à autoridade, começando pelos que, não por acaso, eram seus pais na presente encarnação.

c) Esforço: muitos vencem os pais necessitados e permitem o auxílio do Plano Espiritual Superior.

d) Comparecimento a uma Casa Espírita para que os estímulos proporcionados pelos ensinamentos de Jesus o induzissem às vitórias espirituais. A desobsessão auxiliaria as entidades necessitadas ligadas a ele.

e) O *Orai e Vigiai* de Jesus. Tendemos a voltar aos erros do passado e o *Orai e Vigiai* auxilia-nos a não patinarmos por várias encarnações nos mesmos problemas.

Há alguma luz no túnel escuro no qual Kelvin entrou?

A luz faz parte da estrutura psíquica do próprio Kelvin.

Deus nos criou de forma tão especial que não há como extingui-la. Podemos até apagá-la, mas ela continua como semente preciosa em nosso interior, brilhando assim que permitimos.

Foi assim que o velho deprimido e triste em que Kelvin se transformara, descendo até o poço profundo da iniquidade, cometida contra o próximo, começou a ansiar pela luz. Nessa hora, na abertura de uma pequena brecha, Espíritos queridos começaram a envolvê-lo e o conduziram a palestras realizadas na Instituição onde estava internado para a cura.

Nas primeiras palestras permaneceu meio *sonado*, dormindo muitas vezes. Mas os dias foram passando e Kelvin começou a ouvir as palestras. Entidades espirituais necessitadas também ouviam e conseguiam a libertação necessária para serem auxiliadas. Kelvin começou a refletir sobre o que ouvia. Suas lágrimas eram agora de arrependimento e não mais de pena de si mesmo. Sabia agora que não fora tão somente uma vítima, mas um grande infrator. Pediu a presença dos pais e abriu o seu coração pedindo perdão pelas dores que causara. Os pais, envolvidos por amigos espirituais, reconheceram que haviam errado muito e também pediam perdão a Kelvin. Choraram abraçados e decidiram que Kelvin voltaria para casa. Descobriram que o amavam muito, independente do que ele fizesse, e que sabiam agora que ele precisava do amparo pessoal deles para agir de forma correta.

Anos se passaram. O pai desencarnou e foi tranqüilo, porque sabia que o seu menino era agora um homem confiável. A mãe continuou com Kelvin; amam-se muito. Conversam muito. Frequentam juntos as palestras espíritas e depois refletem sobre o que foi dito. Amadurecem de mãos dadas. Kelvin fica ainda triste pelo tempo perdido, pelo cérebro lesado pelas drogas, que já não permite o pensamento brilhante do passado; reage logo, porém, e pensa que podia ser pior.

Trabalha como voluntário em uma Casa, com crianças carentes. Não consegue ainda assumir um trabalho por muitas horas. Sente, como que uma irritação geral, que o obriga a abandonar o que está fazendo. O serviço com os jovens carentes é o ideal; quando cansa, para. Ora muito. A ligação com o Plano Espiritual Superior o auxilia no tratamento de que necessita. Está já trabalhando por uma encarnação melhor, no futuro. A mãe o admira e o acompanha no trabalho de amor, reeducando-se para uma futura maternidade em outra encarnação. O pai os acompanha do plano espiritual e muitas vezes enxuga uma lágrima, pensando como o amor-desamor complicara a vida de todos. Sabem que voltarão em outra encarnação unidos e com mais dificuldades. Mas sabem também que aprenderam a importância da Educação Espírita, da compreensão da finalidade da existência, da necessidade de disciplina para com os reencarnantes. Porém confiam em Deus e no auxílio dos irmãos mais velhos.

Kelvin descansa sorrindo, a cabeça no ombro da mãe, recuperando o tempo perdido.

13 Pedro

Andava curvado, o rosto virado para o chão, triste, abatido, envelhecido, desesperançado.

Os pensamentos escuros formavam uma rede, prendendo-o a uma teia, como se fosse um mosquito guardado por uma aranha.

Martelava mentalmente na mesma tecla:

- Não agüento mais! Problemas! Essa mulher só me cria problemas! Não consigo nem olhar para a cara de Sandra! Ela é o meu maior problema!

Em vão, amigos espirituais tentavam induzi-lo ao pensamento positivo. Criava ao seu redor uma barreira viscosa e escura, dentro da qual sentia-se sufocar.

Discutiu com Sandra ao chegar em casa; a troca era de palavras ásperas mas de muita "lama" espiritual.

Quase chegaram à agressão física.

Se enxergassem o mundo espiritual, veriam vultos escuros estimulando a briga. Ouviriam as gargalhadas daqueles que se julgavam vitoriosos com a confusão, porque os odiavam.

Pedro dormiu na sala, muito mal.

Sandra passou a noite revirando na cama, de olhos arregalados. Quando conseguiu dormir já era hora de levantar.

E assim o casal foi arrastando o relacionamento em dias pesados, escuros, cada dia um mais distante do outro.

O ódio começou a nascer no coração de cada um, menos

Heloísa Pires por eles mesmos, mais pela emissão das entidades necessitadas.

Para os menos avisados o casamento chegara ao fim. Fora um equívoco, o casal não amava um ao outro.

Sandra pensava amargurada que ainda amava Pedro. Não queria a separação. Mas não conseguia viver sem ele. Que estranho! Diria que era um ódio amoroso ou um amor odioso!

Reconhecia as qualidades do marido. Lembrava a ternura de outrora. Não sabia como haviam chegado ao ponto de aparentemente não se suportarem. Ainda que o amor acabasse não havia justificativa para a agressividade, o ódio.

Sentia lâminas espirituais atingirem o seu peito, quando o olhava.

Um grande cansaço a dominou e dormiu. Não o sono dos justos, dos tranqüilos, mas o sono inquieto dos ligados aos necessitados da Terra e

do mundo espiritual.

Afastou-se do corpo físico revoltada e recebeu o abraço de vultos escuros que a levaram para uma cidade estranha, doutrinando-a para a rebeldia. Auxiliavam-na a lembrar períodos difíceis de sua vida com Pedro, exagerando nos defeitos do mesmo e fazendo com que Sandra se sentisse uma abandonada, desrespeitada, vítima de um homem truculento.

Acordou odiosa. Amarga. Infeliz. Xingou a sogra, os cunhados, o marido. Culpou a todos por sua infelicidade. Chorou, não as lágrimas libertadoras de um pedido de auxílio ao mundo espiritual, mas as lágrimas terríveis dos revoltados, egoístas, incapazes de enxergarem o outro lado da moeda, os próprios erros.

Os vultos escuros choravam com ela; não por ela; por eles mesmos, contrariados pelas dificuldades que enfrentavam no plano espiritual, em zona inferior, na qual haviam se projetado. Formaram um grupo e em pouco tempo uivavam como lobos ensandecidos.

Pedro caminhava aflito, sentia uma dor aguda no peito. Pensava que não estava nada bem e quanto mais pensava na doença, mais ela ia se plasmando, sendo construída no corpo físico. Acabou desmaiando e foi levado para o hospital.

Fizeram vários exames e nada foi encontrado que justificasse o desmaio, o mal-estar, as dores agudas no peito. Mandaram-no ao psiquiatra, que era espírita. O especialista receitou remédios adequados e, sentindo que ele estava apto a aceitar, indicou um Centro Espírita para que fizesse também um tratamento espiritual.

Pedro começou os tratamentos. Parecia que estava se libertando de algo pesado, escuro. Um peixe aprisionado que iniciava a sua libertação.

Frequentava os cursos, ouvia com atenção as palestras, iniciou o tratamento de desobsessão e o Evangelho no Lar.

No início estava sem Sandra. Ela veio de mansinho, sentindo que uma barreira estava caindo e que o homem amado retornava ao lar. A leitura do *O Evangelho Segundo o Espiritismo* a acalmava, consolava, fazia desejar a harmonia. Mais do que ela, as entidades espirituais necessitadas eram beneficiadas e levadas a tratamento. Também sofriam, estavam doentes e embora não soubessem desejavam a libertação.

Sandra começou a acompanhar o marido e iniciou o tratamento espiritual; foi também ao médico, que lhe indicou vários remédios.

A ambiência espiritual do lar foi completamente modificada. Os vultos escuros sumiram. Seres simpáticos, espíritos familiares os substituíram.

O casal reiniciou um namoro gostoso, olhos nos olhos, almas ligadas por um mesmo objetivo; serem felizes e auxiliarem o próximo e também conseguir a felicidade possível no planeta Terra.

Uma nova vida teve início, para um grupo grande de Espíritos, encarnados e desencarnados. O médico foi Jesus...

A cura de Pedro

Para os menos avisados acontecera um milagre. Pedro e Sandra estavam namorando, caminhavam de mãos dadas, sorrindo e tecendo planos para o futuro.

Para os que desconhecem a teia intrincada dos pensamentos que emitimos, ligando-nos à luz ou às sombras, não havia explicação para o caso.

Como o casal que não mais se suportava, que vivia discutindo por qualquer motivo, conseguirá harmonia?

Para os que ouviram falar em auto-obsessão e obsessão o fato era compreensível. Todo casal atravessa fases de stress, de cansaço produzido pelo desgaste do dia-a-dia da vida a dois na Terra. Se o casal consegue a iluminação através da prece, da prática do Evangelho no Lar, da compreensão de que a vida na Terra não é um grande pic-nic, mas a possibilidade de crescimento espiritual, dilatação da capacidade de amar no sentido verdadeiro, apresentado por Jesus, a vida é mais fácil e os desentendimentos cessam. Mesmo quando um dos cônjuges permanece na emissão de pensamentos primários, egoístas, pensando só no seu prazer, se o outro permanece ligado às luzes do Universo, a casa continuará a ser iluminada e a perturbação permanecerá atenuada, com o cônjuge que esqueceu o compromisso assumido com o outro. Se a separação vier a ser realizada de forma menos dolorosa, o vínculo da amizade continuará entre os dois. Esta é a função da leitura do Evangelho, do comparecimento à Casa Espírita, da prece e da desobsessão.

Pedro conseguiu, graças ao seu merecimento, aos pedidos dos amigos espirituais, à iluminação do Evangelho, afastar pensamentos desequilibrados, influências terríveis, iluminar os corações e permitir que a Luz vencesse as trevas.

Comparecendo ao Centro Espírita, Pedro “levou” as entidades espirituais em necessidade ligadas a ele e a esposa e permitiu que elas também se libertassem e caminhassem para uma vida melhor.

A esposa igualmente frágil, que estava mergulhada no mundo das ilusões, sonhando com um casamento inexistente na Terra, envolvida por entidades necessitadas que a doutrinavam no sentido de que se sentisse vítima, despertou para a realidade e saiu do mundo dos sonhos, para, dando a mão ao companheiro, entender a importância do amor que os unia, do compromisso assumido, de amá-lo como desejava ser amada, com os defeitos e qualidades que todo ser humano apresenta na fase de evolução da Terra.

Começaram, de mãos dadas, a percorrer um caminho ainda com dificuldades, mas iluminado pelo respeito e compreensão das fragilidades mútuas.

Os problemas continuavam, atenuados pelos amigos espirituais e pela luz que vertia duplamente dos dois corações enlaçados. A força do amor verdadeiro impedia que as trevas retornassem e que sonhos tolos e estéreis invadissem novamente os seus corações.

O Evangelho no Lar continuava a ser feito uma vez por semana, e vendo o efeito, os familiares começaram a participar. A maior divulgação da Verdade libertadora era feita pela vida do casal. Não mais agressões, nem palavras ásperas. Nos olhos e atitudes havia o desejo de um fazer o outro feliz. Amigos e familiares começaram a frequentar a Casa Espírita, e um grupo harmonioso começou a possibilitar ao mundo espiritual superior, agir mais harmoniosamente na Terra. Antes emissor de nuvens escuras, habitação de desequilíbrio e dor, o lar era agora uma fonte de pensamentos agradáveis, que permitiam a luz agir mais intessamente na Terra; o lar era um ponto de força, uma canal aberto à ação das luzes do Universo.

Dois anos depois, um dos Espíritos responsáveis pela paz do lar reencarnou, trazendo mais alegria e amor. Educado dentro dos princípios da Verdade, teria mais condições de vencer os defeitos ainda existentes para chegar ao que somos, orientados no mundo espiritual e *Preparados para a Vitória*.

Uma menina reencarnou três anos depois. Não era um espírito tão bem preparado quanto o irmão; necessitava de apoio maior. Precisava relembrar sempre a finalidade da existência para não cair de novo nas paixões inferiores.

Os anos se passaram e quarenta anos após o casamento, Pedro e Sandra comemoravam a felicidade da família, os filhos bons, honestos e trabalhadores, a família especial que haviam construído na Terra.

No plano espiritual a festa era maior. Espíritos iluminados vibravam com o o círculo luminoso criado pela modificação de Pedro e Sandra. Ainda uma vez a Luz vencera as trevas...

14 Paula

Paula sacudira a cabeça desanimada; novamente deslizara no desequilíbrio e batera no filho, que estava com dois anos, porque ele fizera birra. Se desse apenas um tapa estaria errada, sabia; mas o espancara para descarregar a sua raiva. Saiu correndo tampando os ouvidos para não atacá-lo novamente.

Entrou no quarto e caiu sobre a cama, chorando. Estava cansada, muito cansada. O casamento estava péssimo, o marido arrumara outra mulher. Não mais a acariciava, fugia de qualquer contato físico, não parava em casa nem aos domingos. Nos bons tempos, os domingos eram

sagrados, dia de visitar a família, de ir ao parque, comprar sorvete e rir por qualquer motivo.

Casados há sete anos, estavam economicamente e afetivamente em uma situação crítica. Tentava lembrar que crise viera primeiro, a econômica ou a afetiva, talvez as duas juntas.

Viveram bem cinco anos. Amavam-se. O filho que julgavam faltar, veio lindo e forte. Tudo parecia bem quando os problemas começaram. Desandou; sem mais nem menos, desandou.

Ela largou o emprego por causa do bebê e as dificuldades econômicas aumentaram. Ele dizia que gastavam demais. Ela dizia que estava acostumada a viver bem. Ele queria vender um carro e ela respondia que aos dezoito anos ganhara um carro e nunca mais andara de ônibus.

Dois carros, a prestação da casa, a escolinha para o filho, o orçamento apertado a deixava maluca. Mas não tinha vontade de trabalhar.

As brigas aumentavam, a distância entre os dois também.

Tentavam conversar e acabavam aos berros.

Paula não agüentava mais; o sonho ruíra, só restava a separação.

Ao mesmo tempo, pensava que teria que arranjar um emprego se a separação viesse.

Os anos foram passando. Paula ficou insuportável, amarga, acabou perdendo quase todos os amigos.

Batia no filho, maltratava os entregadores do supermercado, tratava mal os parentes, entregou-se a condicionamentos do passado, atraindo encarnados e desencarnados em tristes condições espirituais.

O marido fugia cada vez mais do lar, mergulhado em aventuras extraconjugais.

O filho, assustado com o destempero e a falta do pai, começou a assumir atitudes estranhas, permanecendo minutos olhando o vazio.

A sogra sumiu da sua casa. A mãe tentava despertá-la mas ia embora quando Paula começava com os berros.

Ficou sózinha, infeliz. Comia dia e noite e engordou muito. Perdeu toda a roupa e começou a andar com as roupas velhas que ganhava de uma tia

Olhava-se no espelho e não se reconhecia; estava acabada e gorda; o rosto desabado falava da insatisfação com a vida.

O marido era agora um estranho que ela colocou para dormir no quarto do filho e dormia com o menino na cama do casal. Muitas noites o marido não aparecia.

Paula sentiu que precisava de ajuda. Não tinha dinheiro, mas descobriu tratamento em uma Faculdade de Psicologia e iniciou a sua terapia. Começou, não por acaso, a freqüentar uma Casa Espírita. Criou coragem e voltou a trabalhar. Passou a se respeitar mais. Descobriu que tentara fugir pelo caminho errado e que teria sido menos doloroso se tivesse enfrentado os problemas com coragem

Levou o filho também para a terapia.

O processo foi demorado, mas Paula foi se transformando em uma nova mulher.

O casamento infelizmente acabara e ela concordou com a separação; nesse dia chorou muito, principalmente porque agora sabia que contribuíra demais para o fim dos seus sonhos.

Conserguira ficar amiga do marido, embora ele ainda a olhasse com desconfiança. Venderam um carro, ela preferiu morar com a mãe, guardando a mesada para gastos necessários.

A vida começou a mudar para melhor. Ficou mais calma, mais alegre e foi reconquistando o filho. Aprendeu a conviver pacificamente com a mãe e mesmo quando melhorou economicamente, preferiu dividir a educação do filho com a mãe.

O interior melhorado reflete agora em um exterior agradável. Mais magra, bem penteada, sorrindo, falando coisas agradáveis.

Uma vez por semana faz o Evangelho no Lar. Leva o filho à Escola de Evangelização no Centro Espírita.

Paula começou a entender que somos o que pensamos. Construimos o que desejamos. Construindo, plasmando coisas melhores, permitiu-se ser feliz...

15 Mário e Júlio – das diferenças individuais

Inúmeros irmãos explicam quão diferentes somos através dos séculos Piaget fala com propriedade das diferenças individuais, mas não consegue explicar o porquê.

Emília Ferrero também fica fascinada com o fato dos indivíduos da Terra não se repetirem, cada um respondendo aos estímulos à sua maneira.

José Herculano Pires, no seu livro *Agonia das Religiões*, diz que assim como as folhas das árvores são diferentes, o ser humano não se repete; Deus é infinito na sua capacidade de criar.

Cada indivíduo tem sua personalidade que abrange os seus desejos, anseios, modo de ser, facilidades ou dificuldades, como disse Pierre Weil: “é o conjunto de características que determinam a nossa maneira de ser, bem como a de nos adaptarmos ao meio ambiente”.

Perante determinada situação cada um reage de uma forma.

Vamos contar um capítulo da história de dois irmãos, Mário e Júlio.

Os irmãos vieram de um mesmo útero, nasceram quase na mesma hora, dia, mês e ano. Foram educados com muito amor. Mas não eram uma página em branco; não eram, como diria Emília Ferrero, garrafas de refrigerantes; como as rosas lembradas por Piaget, mesmo recebendo a mesma dose de amor e os estímulos do mesmo ambiente, eram completamente diferentes.

Mário, muito mais maduro espiritualmente do que Júlio, era calmo. Educado emocionalmente, um homem que desenvolvera a fé humana e a fé divina. Preocupado com a dor do próximo, praticava a caridade com alegria. Casado, respeitava a mulher, adorava os três filhos que educava com amor e disciplina. A harmonia familiar e interior produzia a profissional. Era feliz.

Júlio parecia ter vindo de outra mãe e ter trilhado outros caminhos. Inquieto, inseguro, temia doenças, o próximo e a ele mesmo. Vivia fechado em seu egoísmo, julgava-se o centro do Universo. Não conseguia manter um relacionamento afetivo duradouro. Casara, separara e mandava uma mesada determinada pela lei para o filho. Não se amava, não amava a mulher, nem o filho. Pulava de um relacionamento para outro, irresponsável e infeliz. A inquietude interior o prejudicava afetiva, social e profissionalmente. Não sabia, mas se ligara a mentes encarnadas e desencarnadas, via pensamento, que aumentaram a sua angústia, insegurança e falta de fé.

Os dois irmãos completaram quarenta e cinco anos. Um feliz e o outro angustiado. Personalidades diferentes, fruto de experiências diferentes, de esforço diferente, da reencarnação.

O pai dos gêmeos morreu de repente, infarto fulminante.

No velório, Mário está tranqüilo. Aceita a Vontade de Deus e lembra o *Livro dos Espíritos*, “fatal só o nascimento e a morte”. O pai fora tranqüilo, vivera sabiamente e desencarnou porque chegara a hora. Aliás, nada mais certo do que a morte. Amoroso, Mário continuava a enviar pensamentos de paz para o pai, orando discretamente e recebendo com serenidade todos os que vinham homenagear o desencarnado.

A esposa e filhos eram igualmente educados, fruto da conscientização do Evangelho no Lar e da própria maturidade espiritual.

Júlio estava completamente desequilibrado. Chorava intensamente, atirou-se sobre o caixão pedindo ao pai que voltasse, deu um show; os amigos espirituais induziram o médico da família a aplicar uma injeção de calmante, para que ele não atrapalhasse o desencarnante que ainda dormia.

Presentes ao velório, meditávamos como somos os construtores de nós mesmos e nos construimos através das várias encarnações.

Mário realizara a construção de sua casa mental sobre a rocha e enfrentava as tempestades do mundo confiando no Pai de Amor que sabe sempre o que é melhor para os seus filhos. Preparara bem a família, que demonstrava um grande equilíbrio.

Júlio continuava uma criança tola que berrava quando contrariado. Achava que o pai só podia partir quando ele determinasse.

Ao contrário de Mário, não visitava os pais e mesmo nos aniversários e reuniões familiares arrumava desculpa para não comparecer. Mas sabia que eles estavam lá, sempre esperando e o recebendo com carinho. Criança, sentia que mesmo distante dependia deles e queria que permanecessem para ajudá-lo quando precisasse. Não pensou o quanto o pai sofreria se ficasse doente, sem poder fazer o que sempre fizera. Berrou, chorou, se lamentou e só deu sossego quando caiu derrubado pelos calmantes.

Durante meses Júlio andava como um zumbi recusando-se a aceitar a realidade da vida: nascemos com a passagem marcada; a grande viagem, a volta para o plano espiritual já está planejada. Não adianta choro nem vela, cada um tem a sua hora.

Mário e Júlio, de onde vieram tantas diferenças?

A lei da reencarnação aparece nas histórias que a vida conta...

Aparecem as diferenças naqueles que foram *Preparados para a Vitória...*

16 Diana

Bela, muito bela.

Casada, mãe de um filho lindo, louro e de olhos azuis.

Tinha tudo para ser feliz.

Vivia em depressão e transferia sua incapacidade emocional para o marido. Ele era o culpado de tudo. Era um velho e ela era jovem e linda. Via como a olhavam e cortejavam onde quer que fosse. Não agüentava mais aquele homem, que além de tudo, era vinte anos mais velho.

Queria gozar a vida, aproveitar a beleza. Bem que o pai tentara evitar que casasse tão criança. Mas a paixão fora avassaladora e ela estava acostumada a fazer tudo o que desejava.

Julgara sim, amar, mas se iludira. Muita responsabilidade acabara com a sua alegria. Desejava dormir e acordar solteira. Mas estava casada e infeliz. Tudo culpa dele que era mais velho e devia saber que não daria certo. Não sabia traí-lo, não fazia parte do seu modo de ser. Não tinha coragem de explicar a ele que queria a liberdade para encontrar um grande amor. Julgava até ter encontrado nos olhos verdes de um vizinho que se dizia muito infeliz no casamento.

O que fazer?

Pensando, resolveu que o melhor seria fugir, abandonar o lar sem maiores explicações. Um dia contaria ao filho o que ocorreria. Nada devia ao marido que se aproveitara da sua ingenuidade e juventude. Combinou a fuga, mas o vizinho disse que teria que ir embora devagar, preparando a mulher que era fraca e podia se suicidar. Concordou, arrumou a mala e partiu. Deixou um bilhete que não explicava muito e depois de horas de viagem, cansada, não encontrando a felicidade esperada, foi dormir em um hotel. Telefonou para o vizinho e ele pediu que ela não ligasse mais, para não atormentar a sua mulher.

Dias e dias se passaram até ela entender que o vizinho não queria nada além de uma aventura. Desejou voltar, mas a vergonha a impediu. Ficou trabalhando como camareira no hotel e juntou dinheiro para viajar para mais longe, com medo de que a descobrissem. Telefonava às vezes para casa, mas desligava quando atendiam. Cansada e infeliz, começou a perceber que jogara fora uma lar maravilhoso e um marido especial. Vontade de voltar, mas a vergonha era imensa pelo erro cometido. Sonhava com o filho e o sonho sempre virava pesadelo porque a criança a rejeitava. Um dia sonhou que o marido casara novamente com uma prima que conhecia e parecia muito feliz. Acordou chorando, com a certeza de que realmente ele refizera a vida.

Resolveu esquecer o passado e reiniciar também uma nova vida. Sofreu muitas decepções e na realidade não se permitia ser feliz, pois sabia a extensão dos erros cometidos. Tudo poderia ter sido feito de outra forma, sem fugas infantis.

Juntou e separou várias vezes, pois não conseguia um relacionamento normal. Descobriu que era incapaz de ser feliz e que ninguém tinha culpa por isso.

Conseguiu um atendimento gratuito em uma escola, para a terapia de que necessitava. Aos poucos foi se descobrindo e ficou horrorizada com o próprio egoísmo. Pediu na Igreja, perdão a Deus, e também uma chance para corrigir os erros cometidos.

Iniciou uma vida de preocupação com os mais necessitados. Era incansável no trabalho no asilo e na creche. Trabalhava pelo próprio sustento e como voluntária auxiliando os que precisavam de amor. Sabia que um dia reencontraria o marido e o filho e que precisava pedir perdão. Chorava porque não encontrava justificativa para o que fizera.

Os cabelos começaram a branquear e várias vezes ela foi à cidade onde morara e observava o filho de longe, com o coração apertado e o rosto queimando pela vergonha do abandono.

Ficou muito doente e encontrou no braço amigo de um farmacêutico um atenuante para as suas dores. Chorando, abriu o seu coração e contou a sua vida; não omitiu nada e julgou tê-lo espantado. Mas ele falou para ela uma linguagem desconhecida, de reencarnação, de perdão e possibilidade de corrigir os erros com trabalho e amor. Começaram a ir a um Centro Espírita e ela entendia cada vez mais a necessidade de ir pedir perdão ao marido e ao filho.

Os dias se passavam e a coragem não vinha. Era quase feliz, amparada por aquele homem bom, mas havia o amargor do erro cometido e não corrigido. Implorava forças a Deus para resolver o problema.

Uma noite sonhou que o ex-marido estava muito doente. Orou muito e foi vê-lo. Era tarde, ele estava inconsciente e não pôde perdoá-la. Resolveu pedir perdão ao filho. Foi tratada com frieza e ouviu que nada tinha a perdoar porque ela lhe era indiferente; que para ele, era uma estranha que não poderia atingi-lo. Foi embora chorando e não e não mais quis viver. Em vão, o farmacêutico pedia que vivesse por ele. Adoeceu e morreu antes da hora, entrando em grande sofrimento. Continuava impulsiva e teimosa...

17 Danilo

Alto, bonitão, bem-humorado. Barulhento, não consegue discernir os sons. Gestos largos, dramatiza tudo.

Dificuldades imensas na expressão oral, não se consegue discernir a não ser por gestos, o que ele fala. Ele adora falar, exigir, reclamar. Percebe quando não compreendemos o que ele tenta dizer e nos arrasta para mais perto. Sacode o corpo de um lado para o outro, agita os braços longos e produz sons estranhos, tentando falar.

Quanta dificuldade para se comunicar! Quanto sofrimento esse espírito inteligente enfrenta na presente encarnação! Como esse irmão querido desequilibrou os órgãos responsáveis pela fala! Justo ele, que adora contar histórias!

Sonho e o vejo belo, mais do que no presente. Alto e forte. Poderoso. As roupas são ricas, mas o rosto é angustiado. Percebo que deseja mais poder, dominar os outros, conquistar pessoas e terras.

O orgulho e o egoísmo são os causadores de suas quedas. Entrega-se a todas as suas paixões e o desequilíbrio sexual o acompanha há séculos. Não há limite para o atendimento a seus desejos inferiores. Não respeita parentes ou amigos. Atira-se como fera enlouquecida sobre as mulheres que deseja, matando os que tentam atrapalhá-lo. Ao seu lado conserva a mulher que realmente ama, mas não perde uma oportunidade de conquistar outras.

Belo, inteligente, a voz melodiosa entorpece as vítimas que atendem a todos os seus desejos. Destrói, inconseqüente, lares harmoniosos, corações amorosos, pais dedicados. Semeia sofrimento, destruição, dor profunda.

Mas a fera precisa de mais emoções. Convence o seu povo a iniciar várias lutas contra os seus vizinhos. Mata e manda matar, lesa e fere sem

piedade. Parece um grande tufão que destrói a vida e a esperança a sua volta.

Em uma das suas guerras leva a esposa do rei vencido para o seu palácio. Espírito nobre, a jovem não se deixa envolver por promessas ou ameaças e, castigada, acaba enlouquecendo com saudades da família, do marido e do seu pequeno bebê.

O sofrimento da mulher de Danilo é imenso. Sempre que ele tenta novas conquistas, ela é abandonada. Lenora, jovem e bela, chora inconsolável. Mas a loucura da jovem rainha faz com que desanime de vez. Não deseja mais viver vendo o homem amado só cometer crueldades. Desanima e morre...

Por um momento, Danilo quase toma consciência dos seus erros; mas os amigos o convencem de que ele tem todos os direitos e que as mulheres são fracas e tolas.

Danilo continua com o coração endurecido a provocar sofrimento.

Realiza muitas conquistas, lesa muitos povos, mas finalmente chega a hora da sua desencarnação. Morre devido a um ferimento tolo que infecciona.

Chega ao plano espiritual confuso, envolto nas trevas do seu coração.

Durante muito tempo, Danilo sente a dor que provocara. Sofre o que fizera sofrer. Amigos espirituais tentam ajudá-lo, mas a barreira que criara impede que os veja ou ouça. Forte na dor como fora nos erros, suporta o castigo que um grande número de vítimas lhe impusera.

Um dia o cansaço de Danilo é imenso. Ele se arrasta para longe do local no qual aprendera tantas lições e adormece chorando e pensando na mãe que tanto amava. Acorda em um hospital. É tratado com amor. Mas ele não consegue se perdoar. Refletindo sobre a sua vida reconhece que ultrapassara os limites na prática do mal. Com a inflexibilidade que o caracterizava, deseja uma encarnação de muito sofrimento. Quer vir sozinho, ser abandonado no berço, não poder se comunicar, sofrer muito, muito...

Depois de muito tratamento, cursos e amor, os amigos espirituais conseguem convencê-lo a atenuar a própria pena. Explicam que, na construção da nossa compreensão da finalidade da existência, muitas vezes nos equivocamos; ou a nossa ignorância é atenuante para os nossos erros. Que podemos nos corrigir trabalhando em benefício do próximo.

Danilo não quer ouvir nada. Mas aos poucos vai compreendendo que poderá ser mais útil trabalhando em benefício do próximo do que inutilizando as possibilidades de auxiliar. Mas exige dificuldades físicas para ter certeza da vitória. Realiza um planejamento cuidadoso para uma nova reencarnação, o que lhe possibilita ser *Preparado para a Vitória*. Dificuldades na hora do parto, tendência a fragilidades várias. Reencarna e ali está o guerreiro de outrora, o homem cruel e sedutor. Forte nos acertos, tanto quanto fora nos erros, corajoso na paz, tanto quanto fora na guerra. O hábito de comandar continua, a sedução também. Encantados, ele nos comove com a luta para expressar as suas idéias.

Os olhos brilhantes, o andar de passos largos, o sorriso fácil, iluminando o rosto belo, falam de uma alma forte que enfrenta tudo, agora, para realizar sua vitória. Sentimos que vencera...

18 Lia

Alta, magra, morena, cabelos longos e lisos, olhos escuros e tristes. Fala muito pouco, ouve com atenção, mas os olhos mergulham sempre em mundos desconhecidos. Quando fala é superficialmente e os olhos fogem medrosos quando a olhamos; parece temer que descubram seus segredos. Não fala dos desejos não realizados, das frustrações da sua vida, embora a conheçamos há muito tempo. Os lábios fechados revelam amargura.

Por uma tia distante da qual ela não gosta, fiquei sabendo alguns detalhes da sua vida difícil. Os pais se separaram, a mãe sumiu e mais tarde o pai morreu. A tia a criou com muita dificuldade. Interessante é que a menina bonita afastava as pessoas devido a amargura que passava e que continua presente em sua aura. Embora tente disfarçar, a sua presença é dura, sofrida, pesada.

Casou, descasou, sempre aparentemente indiferente ao seu destino. Vive só na casa grande e feia na qual não existe uma flor ou um animalzinho. Anda com arrogância e a vizinhança não gosta dela. Não tem amigos e as dificuldades econômicas continuam presentes. Em um dia chuvoso, ao entrar em casa encontrou um gatinho magro e feio, miando desesperadamente e resolveu adotá-lo. Apertou-o junto ao coração e pensou que ela era igual a esse gatinho abandonado. Não era capaz de entender ainda que criara a sua solidão. Transferiu para o bichano o amor que a sufocava. Abraçando-o quase se julgava feliz.

Começou a trabalhar mais pensando em dar mais conforto ao amiguinho. A boca começou a ficar menos amarga, o andar mais suave.

O tempo passou e o bichano ficou velho e doente. Lia, que não se preocupava com ninguém, tratou-o como a um filho querido. Chorou todas as lágrimas quando ele morreu. Enterrou-o no quintal e todos os dias “conversava” com ele.

Depois da morte do gato, Lia envelheceu rapidamente. Sem incentivo parou de caminhar, de se cuidar e em poucos meses desencarnou.

Acordou em um grande e silencioso deserto. Estava só. Desesperadamente só.

Não sabia o que havia acontecido mas sentia que algo havia acontecido; sentia-se em um filme de terror.

No meio de terras áridas havia uma casa simples; nada de plantas, nem de sol, árvores, música ou alegria. O céu era cinza, a paisagem sem cor.

Encontrou o básico para sobreviver. Com o passar dos dias foi ficando aflita e louca para ver alguém.

Um dia ouviu um miado e o gatinho reapareceu. Só o gatinho lhe dava momentos rápidos de quase alegria; recebia o amor que lhe dedicara.

Entrou em depressão e passava os dias a chorar. Agora nem o gatinho a consolava.

Um dia ficou mais desesperada que de costume e lembrou-se da tia que a criara e que não conseguira amar. Pediu perdão e desejou que ela estivesse ali para se fazer perdoar e agradecer todo o trabalho que ela lhe dera. Viu um vulto de longe e esperou ansiosa. Era a tia que chegava, pequena e frágil com o mesmo jeitinho tranqüilo que tinha quando Lia era criança. Correu e abraçou a tia, assustada com a possibilidade de ficar novamente isolada no deserto.

Tia e sobrinha conversaram e a tia esclareceu Lia sobre a vida e a morte. Contou que a mãe de Lia estava em regiões de necessidade e o pai se preparando para nova encarnação. Disse a Lia que não sabia muita coisa, mas que já apreendera que cada um ao morrer encontra a vida que criara na Terra. Lia criara um deserto e o reencontrou no plano espiritual. Só o gatinho recebera de fato o seu carinho e viera, plasmado pelos pensamentos de Lia, fazer-lhe companhia. A única forma de Lia se reeducar na generosidade, no amor ao próximo, contribuindo para a evolução do planeta que a acolhera era sentir o produto do seu egoísmo, ficando isolada no mundo que criara. Há séculos, Lia viera se fechando, recusando-se a amar e agora sentia o desejo de mudar. Cada indivíduo, disse a tia, era um tijolo no prédio constituído pela comunidade da Terra e nenhum podia se fechar porque causaria desajustes vários. Era necessário se abrir para o mundo e a vida, ser útil, amar o próximo. Lia encontrava após a morte o que plantara, a terra seca, árida, sem luzes, cores, ou alegria.

A tia que era de pouco falar, no desejo de ajudar Lia, deu uma aula sobre a arte de bem viver.

Abraçou a sobrinha e disse que havia obtido permissão para levá-la a um centro de repouso e estudo. Ouviria música, encontraria pessoas, treinaria o diálogo e a afetividade.

Partiram as duas, Lia levando o bichano que dormia junto ao seu coração.

Infelizmente Lia escolheu o caminho do sofrimento, mas estava aprendendo a importância de dar as mãos na construção de um mundo melhor.

Pela primeira vez em muitos séculos dirigiu o seu pensamento a Deus, agradecendo a bênção da existência dividida com seus semelhantes e entendeu que sozinhos nada somos...

19 Durval

Quarenta e seis anos. Alto e magro. Olhos de um azul desbotado piscando atrás de lentes muito grossas.

Durval rolava na cama sentindo-se sufocar. Brigara com a sua última companheira e novamente estava sozinho. Desejara a solidão mas agora ela o assustava. O grande apartamento completamente vazio. Sumira a voz um pouco estridente de Vânia e os latidos irritantes do seu cãozinho. Conseguiu a paz que desejara, mas era só física. Não notara antes que o barulho maior era o produzido por seu inquieto coração. Um ruído como que de tempestade iminente, não no exterior, mas vindo do peito do homem magro, anunciava o reinício do círculo problemático que criara na presente encarnação: solidão, desejo de formar família; namoro, casamento, encantamento; tédio, brigas, separação. Reconhecia que era intolerante; quando o encantamento acabava, não podia ouvir a voz da mulher outrora amada. Tudo o irritava até que ela desaparecesse da sua vida. Mais jovem, entrava em uma roda viva após cada separação, julgando-se dono do mundo. Novamente noitadas, caçada amorosa, saturação na aventura; novo encantamento e casamento...

O seu inconsciente o chamava para a responsabilidade. Nada porém o prendia. Desejava a liberdade sem saber alcançá-la. Julgava-se um vencedor na horizontal porque saíra das faixas mais baixas da população econômica e atingira o status de empresário rico.

Nas horas de reflexão sentia-se infeliz; morreria em poucos anos e de que valeria tanto dinheiro? mais revoltado ficava ao verificar que, ao contrário de muitos, as ilusões da matéria não conseguiam satisfazê-lo. Por que não podia ficar contente com a vida que levava? Por que pensava sempre que algo mais devia ser feito e que não podia pensar e viver só para ele mesmo? Por que no meio da festa mais animada olhava os conhecidos e enxergava em cada um a caveira que viria a ser?

Tratamento psicológico, antidepressivos, nada resolvera. Fora a um Centro Espírita e sentira-se melhor; disseram que ele tinha alguns inimigos do passado que o atingiam porque ele permitia por complexo de culpa; traía esses indivíduos no passado e ainda agora, sempre que os presentia, desejava que os castigassem; sofria intensamente e nada podia ajudá-lo. Infelizmente abandonou o Centro Espírita.

Tomou um calmante e conseguiu dormir muito mal. Acordou suado, mais cansado do que antes de dormir e resolveu voltar ao Centro Espírita. Sorriu amarelo ao imaginar a alegria da sua mãe se o visse pensar assim. Fora criado na Evangelização do Centro que a sua mãe freqüentava e parece que fora contaminado com o vírus da religião; de vez em quando procurava a Casa Espírita e como que, retomava a um lar amigo. As mensagens exigiam responsabilidade perante a vida e o próximo, e ele fugia novamente até a próxima crise.

A noite ligou para uma senhora que fora amiga de sua mãe e foi pela décima vez à orientação. Voltou a tomar passes e a ouvir as palestras.

No plano espiritual a mãe pedia auxílio aos amigos. Reconhecia que errara na educação do filho único, que só reencamara quando ela desanimara de ter filhos.

Ela o amava às raias da loucura; mais que amigos, haviam sido cúmplices em várias encarnações. Quando ele retomara ao seu convívio julgara obter novamente um pedaço do céu. Não sabia impor limites, atendia o filho querido em todos os seus desejos; não sabia dizer não; só uma coisa exigia; que ele estudasse as coisas da matéria e do espírito; exigira a escola comum e a escola espírita. Durval sabia que podia pedir tudo que seria atendido, mas que jamais pedisse para faltar na Escola Tradicional ou na Evangelização Espírita. Felizmente a mãe fora firme e era o que lhe permitia amparar o rebento difícil que criara; as sementes luminosas do amor exigente, embora frágeis, permitiam que o amparasse, a ele, que seria para sempre o sol da sua alma.

A senhora digna e com muito merecimento, que sempre auxiliara os mais necessitados, sofria agora com a irresponsabilidade do filho amado. Comovia vê-la visitando os amigos, intercedendo pelo filho. Vibrava a cada vez que ele voltava à Casa Espírita, tanto quanto chorava quando ele rejeitava, por egoísmo, os filhos das suas aventuras. Derramara lágrimas quando uma amiga comum de outras encarnações fora abandonada por Durval, e ainda ofendida.

Dona Celeste, assim se chamava, veio visitar o Lineu, amigo querido, que no plano espiritual cuidava de jovens e homens maduros que perdiam o referencial do amor e maltratavam àquelas que haviam conquistado. Lineu recebeu com muito amor a amiga; explicou-lhe novamente que o livre-arbítrio de Durval devia ser respeitado; ele aprenderia através de experiências desagradáveis. Dona Celeste tanto insistiu que Lineu prometeu usar o recurso da Doutrinação para com o encarnado; sim, buscariam Durval à noite e o orientaria, dando nova chance para que ele evitasse sofrimentos presentes e futuros.

Durval foi preparado na Casa Espírita para entrar em sono profundo, pronto para ser socorrido pelos amigos espirituais. No quarto de Durval a preparação foi intensa. Quando entrou em casa, Durval sentiu abraços de alegria e a presença sempre desejada da mãe. Emocionado, tomou um copo de leite e foi dormir pensando em Dona Celeste. Ela o recebeu com um abraço apertado e lágrimas corriam nos rostos dos corpos energéticos do encarnado e da desencarnada. Foi levado a um Centro de Assistência próximo da sua casa e acomodado em confortável sofá. Assistiria a um filme, disseram.

O filme, belíssimo com recursos não encontrados no mundo dos encarnados, teve início. Encarnados e desencarnados ficaram fascinados quando as imagens os envolvera, fazendo com que revivessem experiências perdidas.

O início da Terra; a bola de fogo esfriando. A água dominando tudo até ceder aos continentes desertos. A vida tendo início. Formas microscópicas se agitando nos mares mornos. Lei de destruição controlada pela lei de Amor. Presença da Inteligência Suprema regendo tudo. Formação da camada de ozônio que possibilitaria a vida fora d'água. Desenvolvimento de novas formas de reprodução. Aparecimento de formas gigantescoas no grande laboratório Planeta Terra. Luta pela sobrevivência. Auxílio entre os seres da mesma espécie. Sobrevivência possibilitada apenas pela união dos indivíduos. Trabalho de equipe. Solidariedade de irmãos mais velhos, das luzes do Universo.

Vulcões, tempestades, fúria nos mares e nos ares, amadurecendo o Planeta Escola, que recebia o ser em desenvolvimento.

Queda de meteoros provocando sofrimento que não é castigo, mas apenas necessidade de aprimoramento.

Finalmente o homem, pouco mais que um macaco, mas que recebera na testa a estrela divina, a marca da consciência que exigia a sua transcendência, a superação da animalidade, o uso da Razão. O desenvolvimento da Razão produziria seres mais lúcidos, que se expressariam no amor

A força do amor tangendo os indivíduos da Terra ao crescimento espiritual. A energia maravilhosa que pode ser sublimada, que se expressa no amor dos pais para com os filhos, que impulsiona os seres ao desenvolvimento das possibilidades luminosas.

O desamor que criou os grandes problemas, complicando os reencarnantes da terra; o charco do amor; a indisciplina, o adultério, o aborto, o egoísmo, o orgulho.

O sofrimento das jovens abandonadas por seus parceiros. A tristeza dos indivíduos traídos por aqueles que julgavam amá-los. A crueldade, o assassinato provocado pelas paixões inferiores.

O desamor em suas várias formas, criando sofrimento e dor através dos séculos, mais para os carrascos, do que para as vítimas.

A figura sublime de Jesus de Nazaré saindo da tela e invadindo os corações e pensamentos dos que viam o filme. A materialização do Amor. O exemplo do homem ideal. As curas. As libertações, o sorriso único, a alegria de existir. A ressurreição, um convite a refletirmos sobre a nossa imortalidade.

Os que continuam a evitar Jesus, embora muitas vezes o conservem apenas nos lábios.

As histórias reais de experiências e o resultado no plano espiritual. O desfile de almas felizes, necessitadas e infelizes. O filme mostrando como uma prece, a fé em Deus e a fé humana, em nós mesmos, podia ter modificado vidas difíceis em vidas mais fáceis.

O Universo luminoso que aguarda a todos. As inúmeras casas da "morada do meu Pai", como dizia Jesus.

O passado dos que viam o filme, os erros e acertos cometidos, as promessas antes da reencarnação.

Finalmente a análise de como estavam vivendo. Os atos de cada um vistos apenas por eles mesmos e julgados por seres que trazem a marca de Deus, a assinatura luminosa do Pai de Amor.

Durval ficou catatônico, não se reconhecia no homem egoísta que da tela caminhava ao seu lado. Horrorizou-se com a pouca importância que dera aos rebentos abortados. Chorou com o sofrimento de algumas jovens abandonadas. Não pensava que havia descido tanto espiritualmente. Queria mudar, fazer feliz e ser feliz.

O filme acabou, mas a vida da maioria dos que o haviam assistido apenas começava.

Durval caminhou acompanhado pela mãe, ligou-se novamente ao corpo e acordou renovado. Uma bela doutrinação havia sido feita e produzira resultados incríveis. Um novo homem nascia ali...

Dez anos depois

Casa confortável. Jardim amplo e bem cuidado. Bicicletas, balanço, brinquedos que denunciavam a presença de crianças. Um cachorrinho latindo com alegria. Flores, harmonia.

A casa está silenciosa porque seus moradores foram para a praia. Um carro chega e a família desce dele. Durval, Vânia e três lindas e terríveis crianças. O cachorrinho pula em cima de todos, endoidecido pela felicidade. A risada de Durval soa alto e encontra eco na risada de Vânia e dos filhos. Entram carregando pacotes e atropelando-se nas brincadeiras. Tomam o lanche e em seguida fazem o Evangelho; agora com muita seriedade e responsabilidade.

As crianças comentam o “O óbulo da viúva” com muita propriedade; lembram-se dos auxiliados pelo Centro Espírita que freqüentam. Dulce é brilhante na argumentação, revelando um espírito maduro, apesar da idade. Os olhos de Durval brilham e se voltam com carinho para Vânia, que retribui com um aperto de mão.

Celeste entra feliz; permanece no plano espiritual trabalhando como nunca pelos necessitados da Terra, agradecendo a Deus a modificação de Durval. Olha o homem calmo, responsável, feliz, e tudo lhe parece um bellissimo sonho. Aperta um a um junto ao peito amoroso, e como que, os envolve em luzes. Todos sentem que um anjo está entre eles.

Depois do Evangelho o sono tranqüilo, o encontro com amigos no plano espiritual, o despertar feliz.

Vânia olha o marido adormecido e agradece a Deus por tudo que possui.

As crianças dormem sorrindo e projetam-se nos braços de Celeste. A avó abraça a todos, mas olha com encantamento para Dulce, que há muito se preparava para uma tarefa especial no campo da divulgação do Espiritismo. Dulce auxiliaria na direção do Centro Espírita que Celeste freqüentara e falaria sobre as Verdades ensinadas por tantos irmãos e exemplificadas por Jesus.

A família parte para os compromissos assumidos durante as horas de sono.

Vânia e Durval caminham de mãos dadas. O passado dos dois, também na presente encarnação, não seria o mais recomendável, mas o presente o deleta, num hino de alegria. Os muitos erros serão apagados através do amor e auxílio ao próximo.

Espíritos necessitados que espreitavam a família tentando perturbá-los, vão se curvando ante a vida que exemplifica o início da compreensão dos ensinamentos de Jesus. São libertados e iniciam uma nova forma de expressão; estudam junto com a família e são encaminhados aos locais de recuperação do mundo espiritual.

Paz, harmonia, amor. Ah! Se todos entendessem como o caminho reto e estreito é muito mais fácil e agradável! Outra seria a história do indivíduo na Terra!

Durval e Vânia conseguiram aprender e criaram um círculo luminoso que se estende ao Infinito...

20 Tomás

Renasceu em uma família simples, um dos inúmeros filhos. Frágil, apresentou séria lesão cerebral. Os médicos chamaram os pais e os aconselharam a internar Tomás em uma instituição especial, porque ele não passaria “de um vegetal”.

Os pais indignados disseram: “seja o que for ele é nosso filho e ficará conosco; vocês estão loucos?” Viraram as costas e foram embora.

Três anos depois os pais finalmente encontraram o que procuravam: Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano de Filadélfia.

Começaram o treinamento no Instituto dirigido pelo Dr. Glenn Doman, que até então, ainda não compreendera que, apesar de bilhões de neurônios mortos, o indivíduo podia, bem estimulado, conseguir um desenvolvimento satisfatório e às vezes, acima da média

Tomás realiza, auxiliado pelos pais, os exercícios recomendados por Dr. Glenn e começa a melhorar. Fala algumas palavras, começa a se arrastar pelo chão, refaz etapas que perdera devido aos graves problemas provocados pela lesão cerebral. Na terceira visita ao Instituto, Tomás falava “mamãe”; e “papai”.

Tomás está com pouco mais de três anos, quando a mãe trás uma cartilha e começa a ensiná-lo a ler. Os pais o levam ao Instituto e o pai diz para o Dr. Glenn que Tomás está lendo.

O médico não acredita, não dá atenção à informação. O pai escreve dois bilhetes; no primeiro: “o doutor gosta de comer hambúrguer e tomar suco de tomate. No segundo, faz uma brincadeira dizendo que “o pai de Tomás está barrigudo de tanto beber cerveja.” Antes que Tomás pronuncie as palavras, ele começa a rir, provando que lê e compreende o que leu com uma velocidade espantosa. Então, acreditam que o menino considerado ao nascer um futuro vegetal, era um ser pensante e com inteligência acima da média. Tomás é encaminhado para uma escola especial de indivíduos acima da média, superdotados.

O Dr. Glenn pergunta: como pode um indivíduo com bilhões de células mortas no cérebro, raciocinar com tanta propriedade? A luz do Espiritismo isso é possível, porque o cérebro é um instrumento de trabalho, mas não o único; existe um mais importante que é o perispírito. A expansão desse instrumento de trabalho pode auxiliar o reencarnante a suprir as deficiências do corpo físico. A confiança dos pais, a auto-imagem positiva, a estimulação necessária, o refazer de fases do desenvolvimento não utilizadas pelo reencarnante na presente encarnação, fazem a grande diferença. A lição que Tomás deu, foi a de que o desenvolvimento do ser humano é imprevisível e que surpresas podem ocorrer.

O Dr. Glenn pergunta o por quê dos indivíduos considerados normais, com cérebro saudável, não apresentarem um desenvolvimento tão grande quanto algumas crianças com cérebro lesado e suficientemente estimuladas. José Herculano Pires nos responde no seu livro *Introdução à Filosofia Espírita*, que entre os fatores que impedem o reencarnante de se desenvolver plenamente, deve-se lembrar o fato de que não há a compreensão de nossas possibilidades luminosas; convenciamos que somos filhos do “pecado e da dor” e apenas indivíduos de carne cujas necessidades básicas seriam nascer, reproduzir ou não, e morrer.

Enquanto não buscarmos a compreensão de que, como disse Jesus, somos deuses e luzes, teremos dificuldades para desenvolvermos nossas faculdades paranormais. Cerceamos nossa possibilidade de desenvolvimento maior, limitamos o conhecimento da Terra.

Tomás exemplifica o quanto podemos desenvolver potencialidades, mesmo com bilhões de neurônios mortos. O convite é para enterdermos que “podeis fazer o que eu faço e muito mais”, falou o Mestre de Nazaré.

Usamos uma pequena parte do nosso cérebro; quanto poderemos fazer, quando usarmos todo o nosso potencial e estivermos iluminados pela compreensão do Amar e Servir!!!

O trabalho do Dr. Glenn Doman

No livro *Como ensinar o seu bebê a ler*, do Dr. Glenn, encontramos a história de Tomás. Não somos a favor de ensinar o bebê a ler, mas o livro nos convida a refletir sobre a impossibilidade de prever o desenvolvimento do indivíduo.

Glenn Doman é um grupo formado por um neurocirurgião, um fisiatra, um fisioterapeuta, um psicólogo, um educador, uma fonoaudióloga e

uma enfermeira, pesquisaram crianças com lesões cerebrais, para auxiliá-las a se desenvolverem. A luz do Espiritismo, fica evidente a libertação do Karma negativo.

Os pesquisadores concluem que o trabalho será através de estimulação, agindo diretamente sobre o cérebro lesado, “atacando a fonte do problema, chegando ao cérebro propriamente dito”, através de métodos cirúrgicos e não cirúrgicos.

Verificam que reproduzindo os padrões neurológicos de crescimento de uma criança normal, o cérebro lesado consegue se desenvolver. Os estímulos são proporcionados pelos exercícios realizados por crianças normais: arrastar, engatinhar, andar...

Entre as crianças que morriam cedo, as hidrocefálicas foram beneficiadas; nessas crianças o líquido cérebro-espinhal não era absorvido e acumulava, aumentando a pressão no cérebro e causando sérios problemas. O neurocirurgião desenvolveu um tubo que carregava o excesso de líquido para a circulação sanguínea, onde seria reabsorvido. Existe hoje no mundo cerca de vinte e cinco mil crianças tendo vida normal, graças a esse aparelho; libertadas do Karma negativo.

Com o trabalho realizado pela equipe do Dr. Glenn, algumas crianças com o cérebro lesado atuavam acima da média ou a níveis superiores.

O que há de errado com as crianças normais? Por que produzem tão pouco em relação aos lesados estimulados, reabilitados?

O Dr. Glenn diz ainda: “A verdade é que o crescimento neurológico, que sempre consideramos fato estático e irrevogável, é um processo dinâmico e em constante transformação. Na criança lesada conseguimos com sucesso recomeçar o processo que havia sido interrompido e na retardada nós o aceleramos.”

Vamos refletir sobre como auxiliaremos o desenvolvimento dos ditos normais, quando utilizarmos a Educação Espírita, na compreensão de nossas especialidades luminosas, de nossas habilidades especiais que a educação tradicional deixa de lado.

A primeira condição para o desenvolvimento pleno de nossos educandos, com cérebro aparentemente normal, é o desenvolvimento pleno da compreensão do que somos, da nossa especialidade, da necessidade de nos expressarmos como as inteligências e morais desse Universo luminoso no qual nos projetamos. Só a auto-imagem real e positiva pode fazer com que, bem estimulados, desenvolvamos todo o nosso incrível potencial. O homem integral surgirá em toda a sua grandeza...

21 Simplesmente Antônio

Tipo bem brasileiro. Anda como se estivesse sambando. Fala muito e relativamente bem, embora às vezes erre na concordância verbal. Aparenta trinta anos, mas a pele bem morena costuma enganar. Os cabelos demonstram a presença de tinta o que indica que provavelmente estavam grisalhos. O pescoço revela a idade: no mínimo, cinqüenta.

Simpático, leviano, atraente, para quem gosta do tipo malandro.

Sempre fica de olho nas moças que entram para trabalhar na revenda de carros onde ganha o sustento

Sílvia vai pedir emprego e é imediatamente admitida. Bonita. Vinte e três anos. A aliança no dedo fala em compromisso sério. Noivado. Pretendem casar após dois anos. Estão construindo a casa em um terreno onde mora a mãe de Sílvia. Jovem e ingênua, sorriso aberto pela alegria de viver.

O noivo, vinte e um anos, ama Sílvia com toda força do seu jovem e leal coração.

O programa do jovem casal é pizza aos domingos e cinema uma vez ao mês. As vezes vão ao Zoológico ou ao Horto Florestal. Fizeram, num dia especial, um passeio à Praia Grande e adoraram. Agora é hora de economia.

Antônio foi chegando devagar, insinuante, esperto, irresponsável.

Uma mulher madura espiritualmente, jamais trocaria o noivo por Antônio. Sílvia é tola e fica encantada com a prosa inconsequente e a ousadia dos que não respeitam o próximo. Leva a irmã para conhecê-lo e a irmã, igualmente inexperiente, acha Antônio “o máximo”.

Sílvia cede aos apelos de Antônio e passa a ter um relacionamento intenso com aquele homem que nada quer de sério.

O noivo descobre o caso e louco de dor é consolado pela irmã de Sílvia, que acaba se casando com ele. Será feliz porque o moço é bom e sério; para ele casamento é para toda a vida. Três filhos fazem a alegria do casal que muda para o interior de São Paulo, porque a irmã sabe que Sílvia será abandonada e teme que possa atrair o ex-noivo.

Ainda não conhece a fibra de um homem que sempre a encantou e que só conseguiu conquistar nessa encarnação devido à irresponsabilidade de Sílvia.

Alguns meses se passam e Sílvia descobre que espera um filho de Antônio. Ele zomba dela, exige exame que prove que o filho é dele e a abandona. Quando a criança nasce e os exames confirmam que é o pai, consegue se apresentar como autônomo, diminuindo a futura pensão do filho. Paga o mínimo e não quer saber de ver o bebê. Sílvia chora e compreende que tivera uma estrela na mão e que a trocara por um punhado de cascalho. Jura nunca mais se enganar.

A lição foi dura, mas proveitosa. Podemos aprender pelo amor ou escolher a dor.

22 Marília e Júlio - o ex-suicida

Reunião no mundo espiritual

Um grupo de espíritos tristes conversa com seres iluminados.

Entre os desanimados destacava-se um jovem alto e belo, apesar das manchas escuras e vermelhas no corpo perispiritual.

O rosto fino, os olhos melancólicos sombreados por cílios longos, os modos educados, falavam de uma vida privilegiada. A infelicidade gravada em sua fisionomia lembrava erros que haviam lesado muitos irmãos em humanidade.

Ao lado do jovem, uma moça com a fisionomia grosseira o olhava pensativamente, Um pouco mais longe, uma senhora calma que demonstrava equilíbrio, mantinha-se em oração. Dando as costas para o grupo um homem de fisionomia rude, desagradável, mostrava a sua contrariedade por participar daquela reunião.

Notava-se que o grupo era unido, mas o jovem moreno fazia parte de outra comunidade.

Ao redor dos jovens, a história da última encarnação desenrolava, formando imagens como que num filme.

Apareceram as figuras dos jovens belos brincando e passeando em um jardim, encantados, felizes, risonhos.

De repente o céu escurecia e aparecia o moreno rude destoando do grupo. Presença forte, beleza marcante, arrastava a jovem bela para aventuras irresponsáveis.

O jovem delicado não suportou a perda da noiva amada e cometeu suicídio. A noiva perdeu a paz, chorava dia e noite. Sentia o ex-noivo cobrando o abandono do mundo espiritual.

O jovem rude abandonou a moça deprimida, que acabou morrendo, levada pelo remorso e perseguição do noivo abandonado.

Durante muito tempo caminharam pelos corredores escuros do umbral inferior. Sofreram, sofreram. Quando permitiram, foram recolhidos pela misericórdia divina e levados a tratamento.

Agora estavam ali, unidos, pensando em construir uma vida melhor.

O jovem rude também fora convocado. Voltariam à Terra e o jovem rude receberia com a mulher que seduzira e abandonara o ex-suicida como filho. A avó, anjo da guarda do grupo, reencamaria para ajudar a todos. Seria um facho de luz em meio a tempestades da vida.

Reencamaram. A jovem agora é Marília; bela, triste, inteligente, às vezes tem convulsões que muito a fazem sofrer. A mãe é a senhora que no plano espiritual se destacava pela maturidade e equilíbrio emocional.

Certo dia, Marília reencontra no ônibus o jovem rude que a abandonara e quando os olhos se reencontram os dois estremecem. Ele a fascina e amedronta, mas atrai irresistivelmente. Ela o atrai, mas causa desejo de fuga. Resolve segui-la e perde o dia de trabalho. Marília faz a mesma coisa e, como no passado, entregam-se à irresponsabilidade. Um namoro apaixonado, desequilibrado, tem início. Amam-se e odeiam-se.

A jovem engravida e resolvem morar juntos.

Nasce Júlio, o ex-suicida, amparado pela Misericórdia Divina.

Júlio teve um nascimento difícil, que resultou em dificuldades várias na expressão do bebê. A fragilidade espiritual, o terrível complexo de culpa, fazem com que o desajuste mental facilite a paralisia cerebral.

A lesão é grave, os problemas serão imensos na atenuação do desajuste.

A família está perdida, ainda não sabe o que fazer. Precisa se reorganizar emocionalmente e estabelecer vínculo maior com o plano espiritual superior para auxiliar a criaturinha que renasceu com tantas dificuldades.

O jovem rude olha o filho com desprezo e sente vontade de fugir. Não gosta daqueles olhos acusadores, não suporta o choro angustiado que o fere como lâmina aguçada. Não entende porque o filho nasceu daquele jeito. Não suporta a cara de sofrimento da companheira. Arruma a mala e parte para bem longe, tentando fugir da própria consciência.

A jovem Marília quase enlouquece. Sente-se abandonada quando mais precisava de auxílio e chora desanimada. Ama o filho, sente-se responsável por ele e fará tudo para ajudá-lo, mas tem medo de morrer, de tanta dor que sente no coração. O cansaço é grande e cai doente. A mãe muda para a casa de Marília e assume a chefia da casa desmornada. Calmamente, ligada ao plano espiritual superior, vai ajustando as peças desarmônicas e assume os cuidados com o bebê que será seu nessa encarnação.

Os anos passam. O tempo é o melhor remédio. Marília casou novamente, dois filhos saudáveis vieram completar a felicidade do novo lar, mas a alegria, o ponto de encontro da família é Júlio, a criança querida que criou grandes dificuldades para si mesma. Marília é feliz, sente uma alegria imensa quando olha o filho que melhorou muito com os tratamentos realizados com os especialistas da Terra e os amigos da Espiritualidade.

Marília, em seu coração, eleva um hino de gratidão a Deus, pois sabe inconscientemente que corrigiu um erro terrível com a borracha do amor.

Longe dali o jovem rude está completamente desequilibrado. Não se perdoa por ter abandonado a família. Amigos espirituais tentam ajudá-lo e esperam a hora em que ele permita através do esforço próprio, que o auxílio se faça presente. Um dia, não muito distante, ele também saberá amar como Jesus nos amou...

23 Juçara

Pequena e redondinha, olhos vivos e boca sensual. Luta bravamente para sobreviver com dignidade. Trabalha sem preguiça no seu pequeno salão de cabeleireira. Lava o cabelo, corta, enrola, alisa, encrespa.

Três vezes Juçara julgou encontrar a felicidade e não deu certo. Três casamentos desastrosos. Os homens que conhecera, tentaram viver às suas custas.

À noite as pernas doíam. Os dedos ficavam adormecidos, mas Juçara acordava e corria para o trabalho.

Felizmente, só agora sabia, tivera só um filho. Um bebê lindo que aos três meses tivera uma convulsão e ficara cheio de sequelas; tinha dificuldade em andar e, maior ainda, na capacidade de raciocinar. Juçara conseguiu colocá-lo em uma escola especial e só a noite ia buscá-lo. Parava seu pequeno e velho carro e o carregava ou arrastava até o banco de trás. Para os que não a conheciam, ela atirava o menino, com crueldade. Para os que conviviam com Juçara, ela fazia mais do que podia para levá-lo com segurança, um passo a mais e sua coluna e coração estourariam. O menino era gordo, enorme, e Juçara, um tiquinho de gente determinada.

Fizera um curso para cuidar do filho sem prejudicar a coluna, mas de nada valera. Há muito tempo sentia dores terríveis e quando eram insuportáveis, tomava injeções receitadas por um médico, onde fora há muito tempo.

Não tinha tempo para se cuidar. Levantava, cuidava do filho, enrolava-se nos cabelos, pés e mãos da clientela exigente, comia sanduíches e depois de trazer o filho da escola desmaiava na cama.

Sacrificava-se desorganizada. Certo dia não conseguiu levantar. O corpo “travou”. Chorando gritava pela vizinha que veio socorrê-la. Precisou parar. Podia ter se cuidado antes, evitando problemas maiores.

Iniciou um tratamento sério. Encontrou tempo para a fisioterapia, para a caminhada, para a dieta. Contratou uma auxiliar e descobriu que podia cochilar meia hora depois do almoço. Uma vizinha que fizera curso de cabeleireira se propôs a ajudá-la, desde que recebesse pelo trabalho.

Descobriu uma Casa Espírita e lembrando dos conselhos da mãe começou a freqüentá-la; a auxiliar ficava com o filho à noite, uma vez por semana.

Começou a ver que complicara os seus problemas por falta de organização. Conseguiu uma perua da prefeitura que levava seu filho para a escola.

Juçara, espantada, descobriu que os seus problemas divididos, começavam a se resolver.

Sentiu a mãe na Casa Espírita e, emocionada, entendeu que era muito amada.

As dores do corpo passaram graças ao auxílio da fisioterapia e ao tratamento espiritual. A irritação provocada pelo excesso de trabalho e noites mal dormidas foi embora.

Pela primeira vez em muitos anos sorria, não para agradar a freguesia, mas porque sentia que era feliz.

Juçara refletia abraçada por amigos espirituais e pensava como a sua vida teria sido mais fácil se desde o início organizasse melhor as coisas e arrumasse pessoas certas para auxiliá-la.

A imprevidência, a pressa, os problemas emocionais que a atordoavam, haviam arrastado Juçara para os descaminhos dos sofrimentos estéreis. Lembrou-se dos ex-companheiros e descobriu que inconscientemente os escolhera para sofrer; todos eram parecidos. Os três bebiam e não gostavam de trabalhar. Percebera tudo, mas insistira nos casamentos.

Agora não erraria mais, planejaria cuidadosamente os atos da sua vida. Esperaria até a outra encarnação por um companheiro ideal. Não tinha mais pressa, valia a pena esperar.

Passes, desobsessão, fisioterapia, ortopedista, remédios, mas, sobretudo, reeducação espiritual.

Conseguiram que a psicóloga da Casa Espírita a atendesse e ela descobriu que as raízes de seus problemas estavam também no hoje, na infância. Copiava a mãe na desorganização, na escolha de parceiros errados, na infelicidade. Mudaria completamente como se entrasse em outra encarnação.

Tratamento na horizontal e vertical. Juçara conseguiu a reeducação, que fez aflorar a preparação realizada no plano espiritual antes da sua reencarnação.

Os problemas continuavam a existir, o filho continuava especial, mas Juçara mudara para melhor. Uniu a previdência à determinação, a calma ao empreendimento, o trabalho de equipe às necessidades. Foi feliz e produtiva, permitindo que muitos trabalhassem graças a ela...

24 Natan

O Hospital é claro, moderno, bonito. Nuvens escuras de tristeza formam parte da ambiência espiritual; mas no meio das nuvens escuras

brilham estrelas de esperança e fé.

O quarto confortável, a cama enorme. Encolhido como um feto, os olhos com brilho de febre, a boca num muxoxo de bebê. Natan chora, o corpo sacudido por soluços incontroláveis. Dor física e moral. Tantos sonhos e agora nada... Agüentara anos a hemodiálise, mas temia a operação, a rejeição do corpo e um novo rim; desejava a cura mas odiava os métodos. Temia morrer com apenas vinte e nove anos. Levava uma vida regrada; não bebia, nunca colocara um cigarro na boca. Por que, então, por que ? Não, era demais, estavam abusando da sua capacidade de aceitação, do seu espírito pacífico.

A morte do pai quando criança, a dificuldade para estudar, o trabalho contínuo, nada o assustara. Quando os rins paralisaram chorou, mas aceitou a hemodiálise. Nada resolvera, tudo se complicara. Esperava apreensivo aguardando o dia seguinte, quando o irmão doaria um rim para ele.

Desequilibrado pelo medo, penetrara em ondas mentais terríveis e sofre; não pensava que deveria agradecer o rim para o irmão e ficar feliz pelo apoio da família. Esquecia de elevar o pensamento a Deus, agradecendo o convênio médico que a firma na qual trabalhava lhe proporcionava; não lembrava de centenas de pessoas que não conseguiam um rim, não podiam comprar remédios.

Amigos espirituais sacudiam a cabeça penalizados; justo Natan, que reencamaria em meio a tantas esperanças e que escolhera item por item a prova que o libertaria de complexos de culpa terríveis, fruto dos erros do passado, agia agora daquela forma. Haviam aconselhado Natan a suavizar a borracha que ele considerava especial para apagar as lesões provocadas no próximo; fora aconselhado a vir como médico auxiliando os necessitados; poderia trabalhar pelos carentes da Terra, criando escolas profissionalizantes, abrigando-os como filhos da sua alma; tantas as possibilidades de corrigir erros através do trabalho e amor ao próximo. Natan recusara todas as propostas e exigira de certa forma o “olho por olho, dente por dente.”

Agora estava alí, como um trapo enrolado sobre si mesmo, desgastando neurônios e energias espirituais preciosas num choro sentido de criança mimada.

O espírito amigo que velava por ele, intuiu a mãe a ir vê-lo. Não entendendo porquê, Mirian sentia urgência de ver o filho e foi para o Hospital. Entrou no quarto como ventania benfazeja e encontrou-o chorando desconsoladamente. Mulher forte, temperada na luta pela sobrevivência e na preocupação de atender aos necessitados, ligou-se ao plano espiritual superior e iniciou a doutrinação de encarnado para encarnado.

Falou que ele aprendera que não valia a pena debater-se no mar tempestuoso da vida, que precisava conservar a serenidade para andar e atingir oásis seguro. Lembrou-o das lições de Jesus, da Evangelização na Casa Espírita que ele frequentara desde criança, dos ensinamentos aprendidos no Evangelho no Lar. Falou com doçura e firmeza, convocando aquele Espírito à reação, à modificação mental. Muitas vezes era o anjo da guarda de Natan que falava pelos lábios de Mirian.

Natan foi se acalmando, sentou-se na cama, levantou e pediu à mãe que fizesse uma prece com ele. Ouviu a lição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* sobre Fé Humana e Divina e modificou o campo mental. Envergonhado, agradeceu a Deus todo o auxílio que recebia nessa encarnação.

Quando a mãe foi para casa, telefonou para o irmão, agradecendo a prova de amor realizada através da doação do próprio rim. O irmão brincou e disse a Natan que no momento oportuno cobraria em dólares; que para ele um rim bastava, porque o outro era luxo; que o esperasse porque iria dormir no Hospital para resolverem juntos “o probleminha de Natan”.

Natan melhorou, mas sentia-se melancólico. Injustiçado.

Dormiu pensando em Jesus. Os amigos espirituais o envolveram em energia preciosa e o induziram a sono profundo.

Natan viu-se em uma grande praça de uma cidade medieval, castigando um escravo acusado de ter roubado o seu dinheiro; a tarefa era realizada com violência e no plano espiritual entidades horríveis o estimulavam à crueldade. Chicoteou até levar o escravo à morte; só muito tempo depois descobriria que ele era inocente. A região dos rins foi a mais castigada. O olhar do moribundo reafirmando a sua inocência penetrou em Natan e marcou-o com letras de fogo por séculos.

Séculos se passaram. Encarnações e desencarnações difíceis burilaram o espírito feroz.

Agora mais equilibrado, tendo extinguido completamente a crueldade do seu coração, desejaria apagar com o sacrifício da carne, sangue por sangue, o que fizera sofressem. Desejava uma morte violenta que lesionasse seus rins como ele fizera à sua vítima. Os amigos espirituais conseguiram convencê-lo a substituir a violência, aceitando a paralização dos rins e a cura conseguida através da evolução da Medicina.

A vítima do passado veio vê-lo, pedindo que ele deletasse da sua mente o fato terrível, porque ele estava bem e era muito feliz; não podia ver Natan sofrer.

Natan acordou ouvindo uma voz que lhe dizia: “Seus desejos foram realizados, por que se queixa agora?”

Permaneceu na cama confiante, na certeza de que ficaria completamente bom, mas, envergonhado com sua fraqueza. Levantou pela primeira vez em muitos meses, completamente feliz, os olhos iluminados pela fé no Pai de Amor. Preparou-se para a operação que foi um sucesso. Envolveu o irmão em gratidão, emocionado com aquela alma nobre que o auxiliara movida pelo amor.

Saiu feliz do Hospital quando ficou recuperado e, elevando o rosto para o azul do céu, prometeu dedicar a sua existência para divulgar o Consolador Prometido, o Espiritismo.

Preparado para a Vitória, conseguira obtê-la...

25 Vando

Sofreu para nascer. Veio ao mundo roxo, engasgado, com problemas vários. Diagnosticaram paralisia cerebral. Mas, pior do que as deficiências físicas, eram as morais, que trouxera de outras encarnações.

Forte, simpático, apresentava dificuldades para discernir entre o certo e o errado. Lesava sem perceber direito; o espírito apresentava deformidades desenvolvidas em várias encarnações. Na teoria, até que compreendia as coisas; na prática, era uma catástrofe.

Não era bonito mas tinha charme, segundo as meninas que o adoravam. Casou e descasou várias vezes; colocou muitos filhos no mundo sem lhes dar atenção alguma. Vivia mudando de endereço e trabalho. Deixava para trás filhos, mulheres e dívidas, muitas dívidas. Fugia de tudo, talvez sentisse não poder fugir de si mesmo, virar as costas e não mais se encontrar.

Conheci-o com quarenta anos, gordo, calvo e os dentes em triste estado. Mas era simpático, envolvente, agradável.

Embora vivesse correndo dos outros, voltava às vezes para visitar o bairro onde crescera. Encontrei-o muitas vezes todo sorridente e cercado de ex-amigos. Gentil, muito gentil, principalmente com as mulheres.

Não tinha profissão definida, vivia de “bicos”, fazia um pouco de tudo. Dizia que pintava paredes, mas os que o chamavam depois se arrependiam. Como conversava muito e bem, enrolava o pessoal durante algum tempo.

Preparados para a Vitória

Na última vez que encontrei Vando, fui para casa perguntando-me como alguém podia passar uma vida agindo daquela forma. Por que ele, que possuía uma família em ordem, agia daquele jeito. De onde viera a má fé, o inseqüente, o sujeito que lesava, roubava o próximo de forma disfarçada e ainda achava que era ótima pessoa?

Sabia à luz do Espiritismo que o problema não estava no corpo, e que as seqüelas do nascimento difícil eram produto de um Espírito necessitado.

Deitei pensando em Vando e não conseguia dormir. De repente uma tela se abriu na minha mente e consegui ver relâmpagos da vida desse

indivíduo estranho

O passado de Vando

Eu o vi bonito, bem vestido, abraçado a uma linda moça. Eram ciganos e Vando dançava com sua companheira em meio a outros pares felizes. Seus olhos demonstravam adoração por aquela mulher.

Quando Vando dormia ela apareceu e foi atrás de outro homem enfrentando a escuridão para encontrá-lo. Parecia amar esse também e eu não entendi nada.

Durante algum tempo ela se dividia entre dois amores. Vando lhe dava segurança, respeito, carinho. O outro era bruto e satisfazia seus instintos primários.

Vando descobriu a traição e quase morreu de dor. Como ele começasse a persegui-la criando problemas, ela preparou uma armadilha com outros ciganos que invejavam Vando e ele caiu em desgraça; sofreu humilhações terríveis, foi expulso da aldeia e acabou cometendo suicídio.

Encarnações difíceis vieram e ele carregava consigo o abandono que sofrerá. Jurara nunca mais amar alguém e soube cumprir a promessa. Quando percebia que alguém encontrara uma brecha em seu coração, fugia. Nunca mais se permitiu gostar realmente de alguém, nem dos próprios pais.

O Desencarne

(pstava com sessenta anos vividos em tomo de si mesmo quando desencarnou. Voltou à consciência em uma aldeia triste e escura onde havia apenas uma lua amarelada e desagradável. Seres estranhos fugiam uns dos outros, como se temessem se magoarem. Não havia diálogo produtivo, nem demonstrações de amor, nem promessas de melhoria de vida. A inconseqüência e o egoísmo imperavam.

Vando sentia-se só e corria atrás de alguém que lembrava um quase amigo, mas, para seu desapontamento, o outro fugia exatamente como Vando fazia outrora. Viveu muito tempo nesse lugar, desesperado para encontrar um colo amigo, uma palavra sincera de conforto.

Pensava que um homem não chorasse, mas descobriu que só as lágrimas podiam aliviar o desconforto. Chorou muito desejando encontrar a mãe, as mulheres que o amaram, as crianças que abandonara. Reencontrou alguns dos filhos abandonados, mas em tristes condições; os que estavam em dimensões melhores eram invisíveis para ele. Teve que ouvir acusações pelo abandono e ameaças.

O tempo passou para Vando muito lentamente. Enfrentara as dimensões dos inconseqüentes, incapazes de amar o próximo; depois, a dimensão das cobranças, daqueles que havia lesado.

Certo dia, não sabendo há quanto tempo sofria, sentindo, não por castigo mas por lei de afinidade o produto dos seus erros, enxergou um caminho florido, com pobres flores que nunca havia visto; a trilha era de terra batida e desaparecia no horizonte.

Começou a caminhar e foi notando a mudança na paisagem para melhor. Flores apareciam no caminho, as árvores surgiam em toda a parte. Como quê, foi conduzido a uma graciosa casa cheia de flores perfumadas. Bateu palmas, uma jovem abriu a porta e perguntou se esquecera a irmã que tanto o amava. Vando caiu de joelho agradecendo ao Pai que permitia a ele, irresponsável, malagradecido, encontrar seres que continuavam a amá-lo. A irmã explicou que mais tarde viriam os pais e alguns dos filhos abandonados que haviam trilhado o bom caminho.

A partir daquele momento, Vando, que fizera sofrer; Vando, o inconseqüente, incapaz de amar apenas porque sofrerá uma traição, Vando começou a transformação moral que o tomaria feliz.

Ainda havia muito a ser feito, mas como na Parábola da Ovelha Perdida, amigos espirituais velavam pelo Espírito ainda fraco, mas que seria novamente *Preparado para a Vitória*.

Uma nova vida, uma nova oportunidade... *Preparado para a Vitória...*

26 Somos paranormais

Somos paranormais porque, como explica Kardec, percebemos o mundo à nossa volta por vias outras que não as dos sentidos físicos.

Luisa e Joseph Rhine falam da mesma forma: nenhum indivíduo percebe o mundo a sua volta apenas por vias físicas. O corpo energético possibilita ver, ouvir, captar informações além dos sentidos físicos.

A importância do corpo energético ou perispírito é bem explicada por Kardec nos livros: *A Gênese* e *O Livro dos Espíritos*. As propriedades desse corpo ainda são apresentadas pelo mestre de Lyon, mostrando a atualidade dos seus ensinamentos: penetrabilidade, expansão, irradiação, absorção.

A revista *Superinteressante*, de março de 2003, apresenta um trabalho intitulado “A paranormalidade existe?” que nos faz refletir, como o capítulo de *A Gênese*: Jesus, milagres e profecias, é atualíssimo. Os fenômenos de premonição, clarividência, telepatia, telecinese, são estudados.

Premonição: capacidade de prever acontecimentos. José Herculano Pires no seu livro: *Parapsicologia hoje e amanhã*, explica que somos todos paranormais, mas que a nossa expressão nesse sentido varia de indivíduo para indivíduo. Por exemplo: um homem está dirigindo um caminhão e sente que mais adiante vem um veículo desgovernado; ouve a sua intuição, para no acostamento e evita um desastre.

Uma moça casadoura namora um indivíduo que ela sente que vai lhe dar trabalho. Não ouve a sua voz interior, desconhece a sua percepção paranormal e cria muitos problemas para ela mesma.

Ao conversarmos com uma pessoa podemos “penetrar” na sua aura e entendê-la por vias outras que não as dos sentidos físicos.

Os profetas hebreus faziam previsões.

Clarividência é a visão maior, com mais discernimento. José Herculano Pires lembra no seu livro citado, sobre Parapsicologia, o caso do pesquisador Puharich, que entra em estado especial e, tendo desejado visitar uma amiga, enxerga-se na casa da mesma, percebendo cada detalhe da decoração. Mais tarde vai até a mesma casa em estado normal e verifica mudanças nos detalhes da decoração; as paredes que vira enfeitadas com brocados eram brancas e sem graça; descasca um pedaço escondido da parede e verifica que por baixo da massa branca, há o brocado exatamente como vira no desprendimento, quando estivera alí em perispírito. Descobre que antes da reforma da casa ela era exatamente como havia visto. “Não existe o tempo ou o espaço para o homem que conhece o Eterno”, diz Krishnamurth.

Telepatia: pesquisadores americanos verificaram a possibilidade de um grupo que estava em Nova York enviar mensagens via telepatia para outro grupo que estava no Alaska. Nada conseguia impedir a chegada das mensagens. Lembrando o russo Vassilliev, o pensamento é energia desconhecida que nada consegue deter, nem barreiras elétricas ou eletromagnéticas. E através da telepatia que mentes físicas e extrafísicas se ligam formando grupos espirituais por afinidade, dimensões iluminadas ou escuras, de felicidade ou de dor, consequência apenas de nossos pensamentos.

Ao sentirmos, perante um irmão, a sua atmosfera espiritual, não existe milagre, apenas uma lei, uma faculdade individual.

Na revista citada, escrevem sobre um vidente que apresentava a mais alta taxa de acertos entre as cobaias utilizadas nas pesquisas militares. As experiências são narradas no livro *Universo Consciente*, inédito no Brasil, ainda.

No ano de 1979 militares americanos queriam saber o que havia dentro de um prédio da Rússia. Deram as coordenadas: latitude e longitude do local e o vidente descreveu o prédio, desenhou um submarino que estavam construindo; acharam estranho. Mas realmente os russos construíram um túnel, do prédio até a água e o submarino apareceu em águas russas conforme o vidente havia descrito.

De 1970 a 1994, o Exército, a Marinha e a NASA gastaram vinte milhões de dólares com este tipo de pesquisa de visão remota, ou seja, clarividência.

Mais de cento e trinta anos são empregados em pesquisa e não dizem claramente se o fenômeno existe ou não. Acontece que os fenômenos

não estão sujeitos aos caprichos humanos.

Outro fenômeno interessante é o de uma moradora de Nova York que sonhou que um avião pequeno caía numa praia na margem de um lago. Perto do lago haviam três chalés, mas apenas um foi atingido pelo fogo. No sonho, os bombeiros pegaram o caminho errado e o piloto morreu por falta de socorro. Felizmente a moça comentou o sonho em duas cartas que mandou para amigos.

Certa tarde a moça ouviu um ruído estranho e lembrou-se do sonho. Pediu ao marido que avisasse os bombeiros, mas tudo aconteceu como ela havia visto. A mulher entrou em depressão, da qual custou a sair.

Telecinese: influência direta da mente sobre a matéria.

Lembramos que Luisa Rhine diz que mentes físicas e extrafísicas podem agir sobre a matéria.

Mover objetos sem tocá-los, influenciar máquinas a distância ou curar só com o toque das mãos, são considerados fenômenos telecinéticos.

As experiências de Bárbara Ivanova são exemplos da utilização da paranormalidade para auxiliar o próximo na libertação das suas dores. Lembremos que ela diz que qualquer pessoa pode desenvolver as suas habilidades paranormais para curar. “Podeis fazer tudo o que eu faço e muito mais”, disse Jesus.

Há seis mil anos, entre os Druidas, nas Gálias, esses fenômenos eram estudados e indivíduos conseguiam realizar fatos que faziam com que fossem considerados bruxos; era apenas o desenvolvimento das possibilidades paranormais.

A imposição das mãos, que é praticada por irmãos de outras escolas espiritualistas e que era praticada no horizonte primitivo, é um fenômeno que também nos convida à compreensão da existência de Leis por nós desconhecidas.

Outro fenômeno pesquisado é o da sobrevivência da consciência sem o corpo. Envolve estudos da Reencamação, experiências de quase morte, como os relatos da Dra. Elisabeth Ross. Os indivíduos falam sobre um túnel que viam, quando em condição de quase morte e, como no final do túnel, reencontravam parentes que já haviam morrido. No relato, os parentes pediam que voltasse ao corpo físico porque a hora da passagem para o outro lado ainda não havia chegado.

Ernesto Bozzano usa a mesma linguagem dos parapsi- cólogos, quando explica no seu livro *A crise da morte*, os mesmos fatos.

O Espiritismo caminha com tranquilidade nos novos caminhos da Ciência tradicional.

Os parapsicólogos prestam serviço para os governos e recebem financiamento público para as pesquisas, mas o dinheiro para eles está bem escasso.

O repórter da *Superinteressante* diz que os que criticam a Parapsicologia estão defasados com as pesquisas e nenhum deles fez jamais um experimento. São como os que negam o valor da homeopatia sem nunca terem experimentado.

Roberto Morris lembra que: “Parte do problema é que estudar pessoas é difícil. O ser humano é complexo e dificilmente conseguimos repetir os resultados de um estudo. Também não conhecemos as variações envolvidas no fenômeno psi.”

O psicólogo brasileiro Welington Zangari afirma: “Virar as costas para um resultado inexplicável não vai fazê-lo desaparecer, nem vai esclarecê-lo. Se há evidência de algo inexplicável é preciso estudar mais”.

Uma pesquisa mais confiável para esse pesquisadores, é um estudo da Telepatia chamado “campo total”, que é um convite a pensar sobre essas suas percepções extra-sensoriais. Escolhem uma figura que é passada telepaticamente para o experimentado. Ele recebe a figura e a descreve. Quando a sessão está chegando ao fim, o computador apresenta quatro imagens e o receptor indica a correta. Houve acerto de trinta e quatro por cento.

O Instituto Gallup nos Estados Unidos diz que, um em cada sete adultos, já viveu uma experiência de quase morte.

Fechados no nosso mundo pequeno, convencidos que enxergamos, ouvimos e sentimos apenas através das percepções conseguidas pelo corpo físico, cerceamos nossas possibilidades maiores. A Educação Espírita quebra as barreiras dos nossos preconceitos estereis e dilata a nossa capacidade paranormal. Passamos a compreender, sentir, tolerar o nosso próximo mais intensamente. Obtemos a *Vitória para a qual fomos preparados*.

Biografia – Heloísa Pires

FORMAÇÃO EDUCACIONAL Universitária:

Licenciatura em Matemática e Física.

Licenciatura em Pedagogia.

Especializações:

Deficientes físicos e visuais; dificuldades na leitura e escrita; uso de computadores para deficientes físicos. **ATIVIDADES PROFISSIONAIS**

Psicopedagoga na AACD.

Coordenadora do Núcleo de Assistência à Criança Excepcional (NACEME).

ATIVIDADE ESPÍRITA

Tesoureira do Centro Espírita Cairbar Schutel. Trabalhadora na Assistentência Espiritual do Centro Espírita Cairbar Schutel e do Centro Espírita Casa do Caminho, Vila Mariana, São Paulo / SP.

Expositora nos Centros Espíritas Cairbar Schutel, Bezerra de Menezes, Casa do Caminho, Federação Espírita do Estado de São Paulo, nos vários Centros Espíritas filiados à União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e em diversos Centros Espíritas por todo o Brasil.

Participação em Congressos Nacionais e Internacionais. **OBRAS PUBLICADAS**

Herculano Pires, o Homem no Mundo, Edições FEESP. *Educação Espírita*, Editora Paidéia.

Educar para ser feliz, Editora Camille Flammarion. *Preparados para a Vitória*, Editora Camille Flammarion. Articulista em diversos Jornais e Revistas Espíritas.